

ESCRITA

Ano III Nº 27 1978 Cr\$ 25,00

REVISTA MENSAL DE LITERATURA

Clarice Lispector: *Escrever é um fardo*



Tristão de Athayde:
Mais importante é a liberdade



ESCRITA

Editor
Wladyr Nader

Editores-assistentes
Astolfo Araújo e Hamilton Trevisan

Redação
Sonia Maria de Faleiros Costa Alcalay

Arte
Sizenando (desenho de capa e ilustrações)
WN (diagramação)

Assinaturas:
(por cheque visado ou vale postal)
anual: Cr\$ 250,00
anual com direito a três números
atrasados: Cr\$ 300,00
semestral: Cr\$ 125,00
semestral com direito a dois
números atrasados: Cr\$ 150,00

Números avulsos: Cr\$ 25,00

Composição:
Gazeta do Ipiranga
Rua Bom Pastor, 1557 - São Paulo

Impressão:
Sobral Editora Técnica Artesgráficas Ltda.
Rua Dias Leme, 188 - São Paulo (SP)

Distribuição:
São Paulo - Vertente Editora Ltda., rua Dr. Homem de Melo, 446 - fones: 62-3699 e 262-8861
Rio de Janeiro - Editora e Distribuidora Quadrelli Ltda., rua Mariz e Barros, 39, lojas 27 a 29 - fones: 273-0448 e 273-0599
Porto Alegre - Centralizadora, Distr. de Livros, Jornais e Revistas Ltda., av. Cel. Marcos, 880 - fone: 49-1158
Belo Horizonte - Editora Inéditos Ltda., rua Goitacases, 71, sala 1012 - fone: 226-1590
Curitiba - J. Ghignone & Cia Ltda., rua 15 de Novembro, 423 - fone: 23-2001
Belém - R.A. Jinkings Com. e Representações, rua Mundurucus, 1567 - fone: 22-7286
Recife, Maceió, Natal, João Pessoa e Fortaleza - Polly Livros Distr. Ltda., rua de Santa Cruz, 198 - fone: 222-1891
Brasília - Livraria Galilei Ltda., SDS, bloco E, loja 11, subsolo 13 - fone: 226-9433
Teresina - Livraria e Editora Corisco Ltda., rua 13 de Maio, 357 - N
Interior de São Paulo, Triângulo Mineiro, Sul de Minas, Interior do Paraná - Lázaro Moreira, av. das Amoreiras, 3.178 - Campinas-SP, Fone: 0192-86499

Escrita é uma publicação da
Vertente Editora Ltda.
Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Perdizes
Fones: 62-3699 e 262-8861
05007 - São Paulo (SP)
Registro na D.C.D.P.
do D.P.F. sob nº 1464 - P. 209/73

PAUTA

Eu sempre achei difícil escrever, e acho ainda mais e mais pela simples razão de que, quanto mais você sabe sobre alguma coisa, mais difícil se torna. Você se torna cada vez mais um perfeccionista e não se permite nenhum deslize. Você se "permitiria" se pudesse, mas simplesmente não pode. Se é um estilista e um perfeccionista, acho que é uma maldição. É uma forma de doença! É realmente o que penso. Acho que teria escrito cinco vezes mais do que escrevi, se não tivesse esse terrível senso de perfeição. Tecnicamente, sinto fluidez total ao escrever. Sinto que tecnicamente não há nada que não possa fazer, do modo como um certo tipo de especialista sente isso. Mas isso não vem com facilidade. (Truman Capote, em entrevista a Chris Hemphill, reproduzida na edição nacional de Interview, dez/77)

Depois de dois anos de relativa euforia, as revistas e jornais literários atravessam uma fase bem difícil, atrelados que estão a um sistema de distribuição preparado para dar escoamento a grandes tiragens. Só alguns poucos ousaram resistir a isso, entre os quais esta revista, que encerra o ano empenhada numa campanha de assinaturas que pode significar a curto prazo o seu maior sustentáculo. Nesse sentido é que acreditamos que cada um de nossos leitores seja um aliado natural, com quem podemos contar para a divulgação das nossas atividades e, claro, da literatura brasileira, de que nos consideramos também porta-vozes. Portanto, se não é pedir muito, gostaríamos que vocês informassem os interessados de que Escrita, ao menos por enquanto, está sendo distribuída principalmente nas capitais, sobretudo através da rede livreira. Por isso é que a assinatura da revista pode ser uma solução, bem como o uso do reembolso: a Livraria Escrita atende a qualquer pedido de reembolso e, portanto, também os desta revista.

Por outro lado, alguns avisos: o livro vencedor do II Concurso Escrita de Literatura - Poesia e os poemas selecionados por Silviano Santiago serão encartados em nosso próximo número; também em Escrita 28 saem os resultados dos concursos de Ensaio e Literatura Infantil; e, ainda, em Escrita 29 será publicado na íntegra o texto vencedor do concurso de Ensaio. (WN)

Índice

3 - **Prosa:** "O Homem" e "From Rio With Nothing", de Hamilton Trevisan, "Jardim Pagão", de Rui Mourão, e "Caixa d'Água", de Deonísio da Silva.

15 - **Poesia:** "Sete Poemas de Juan Gelman" traduzidos por Eric Nepomuceno.

19 - **Serviço:** o depoimento de Clarice Lispector ao arquivo do MIS, uma entrevista com Tristão de Athayde e as seções de Livros/Registro/ Informação /Cartas.

Colaboradores

Antônio Dimas, Antônio Giaquinto, Antônio Hohlfeldt, Antônio Torres, Dennis Toledo, Mafra Carbonieri, Moacir Amâncio, Nilto Maciel, Roniwalter Jatobá de Almeida, Y. Fujiama, João Natali (Paris), Pablo del Barco (Sevilha).

PROSA

O HOMEM FROM RIO WITH NOTHING

Hamilton Trevisan

Depois da publicação de "Brinquedo", em novembro de 72, o autor de "From Rio With Nothing" e "O Homem" dedicou a maior parte do seu tempo à tradução. Seu mais recente trabalho nesse campo, "O Urso", de William Faulkner, lançado pela Vertente em meados de 77, foi considerado irretocável por Humberto Werneck, Hélio Pólvora e Geraldo Galvão Ferraz, da revista Veja, na seleção que fizeram dos 10 melhores livros do ano. Escritos já há alguns anos, os contos aqui reproduzidos revelam uma preocupação política pouco comum nos textos dos jovens autores brasileiros. Pg. 4

JARDIM PAGÃO

Rui Mourão

"Jardim Pagão", de que estampamos um capítulo, será lançado em breve pela Editora do Brasil em edição paradidática de 20 mil exemplares. O romance trata do mito da busca do paraíso, que esteve por trás das grandes navegações marítimas e que acabou, como na carta de Caminha, fazendo a identificação do Continente Americano com a terra afortunada. Através da caracterização de duas personagens principais - Ângelo, o novo messias que recoloca em pleno Brasil moderno a problemática do horto das delícias, e Militão, o discípulo, que anseia por seguir os passos daquele que acredita ser um enviado, realiza-se a paródia tanto da dupla Jeová-Moisés, do Velho Testamento, quanto da dupla D.Quixote-Sancho Pança. Praticando evoluções malabarísticas em cima de um cabo de aço, metido em vistosa fantasia de palhaço, Ângelo demonstra que o local da eleição fica por fora do ferredouro humano estabelecido sob os seus pés e a arte do circo - a única desestruturada que se conhece, no dizer de Eisenstein - aparece como um rito de passagem, no sentido da antropologia cultural, representando, no esforço para a realização de prodígios e para se atingir o maravilhoso, o ideal do aperfeiçoamento humano. E ainda sobre Rui Mourão: "Cidade Calabouço" foi indicado para os vestibulares de 1977/1978 da Universidade Católica de Minas Gerais. Pg. 8

CAIXA D'ÁGUA

Deonísio da Silva

O catarinense Deonísio da Silva - professor universitário em Ijuí, Rio Grande do Sul - está lançando dois livros pela Artenova: "A Mesa dos Inocentes", ficção, e "A Ferramenta do Escritor: um Estudo da Violência nos Contos de Rubem Fonseca". Também pela Artenova estão saindo a 3ª edição de "Exposição de Motivos" e a 2ª de "Cenas Indecorosas". Pg. 12.



O HOMEM

Hamilton Trevisan

Os dois soldados escolheram uma pequena elevação forrada de barba-de-bode para descansar. Enquanto não chegasse o comandante, nada teriam a fazer. Era um lugar macio, com alguma sombra junto às pedras, a uns cem metros da casa. O soldado mais velho tirou a mochila, vasculhou o capim com a ponta do fuzil e deitou-se de barriga para cima. O outro continuou de pé, olhando para a casa, dois cômodos de pau-a-pique, arruinados e fora de prumo, onde haviam recolhido o prisioneiro. Uma galinha ciscava diante da porta.

— Acha que ele morre? - perguntou ao que estava deitado.

— Depende. Se o avião demora, perde todo o sangue.

— Helicóptero - corrigiu o soldado jovem, sentando-se. — Como é que o avião iria pousar aqui?

O soldado velho fez uma careta e abriu os olhos. Tinha feições de índio e seu rosto brilhava como uzeitona lavada. Com um movimento preguiçoso, ergueu o corpo e também se sentou. Pensou em mandar o companheiro à puta-que-o-pariu com aquela mania de consertar todas as suas frases, mas acabou se distraindo com os passeios da galinha. Era a única coisa viva no terreno seco e desolado. Do outro lado da cerca, três soldados dormiam debaixo de uma árvore. O resto do pelotão agrupara-se à sombra do casebre, na parte de trás, e não podia ser visto.

— Muito boa esta chanca dos gringos - disse o soldado jovem, tirando lentamente uma das botas. - O defeito é que esquenta demais.

Descalçou o outro pé e colocou-o com cuidado ao lado do primeiro. Rombudas, de couro reforçado e sola ultragrossa, as botas tinham o aspecto de coisa nova, não usada, que se notava em todas as peças do seu equipamento.

— Que alívio! - suspirou o jovem, acariciando os pés. - Ninguém merece esta quantidade de calos. Nem sei como pude caminhar tanto.

O soldado com cara de índio virou para ele os olhos sonolentos.

— Os calos são muito úteis na guerra, Júlio. Hoje você deu um belo exemplo disso, recusando-se a deixar a trincheira mesmo depois que o tiroteio terminou. Perdeu nossa única batalha.

— Corto meu saco se aquilo foi uma batalha!

O soldado velho riu satisfeito com a irritação do jovem e tornou a se deitar, protegendo o rosto com o capacete. Sua barriga enorme começou a sonhar com o leitão assado que mandaria preparar quando chegasse em casa. O regresso estava próximo. Ganhara um bom dinheiro extra naquela campanha, poderia fazer muitas coisas. Trocaria o teto de palha por um telhado de verdade, com madeirame e telhas de barro. Faria uma privada no quintal, com vaso para se sentar. A mulher teria dentes outra vez. Pensou em comentar os seus planos com o companheiro, mas a quase certeza de uma resposta atravessada silenciou-o.

O soldado jovem provavelmente não lhe daria atenção. A maldosa referência à sua covardia reavivara a

lembrança dos confusos acontecimentos daquela manhã. Alguma coisa estava errada, quanto a isso não havia dúvida. Durante quase dois meses, os instrutores descreveram a missão que lhes seria confiada com palavras grandiloqüentes e aterradoras. Convencera-se de que iria enfrentar um adversário terrível e numeroso, muitos haveriam de morrer. No entanto, com exceção daquele dia, não tinham feito mais do que caminhar pelos campos e nas montanhas, parando apenas para comer, dormir ou banhar-se nos rios. Essa parte da campanha ficara gravada com minúcia em sua memória, pois sentira medo o tempo todo. Atrás de cada arbusto, de cada rocha saliente nas encostas, pressentia um cano apontado para a sua cabeça. Recordava-se do estridido infernal dos grilos (custava muito a adormecer), da chuva pingando nas barracas de lona, das palavras expelidas como pedras pelos camponeses que denunciavam os movimentos do inimigo.

E, de repente, tinha sido aquilo.

Avançavam em grupos pequenos e distanciados por um atalho poeirento, alguém deu o alarme e cada um se escondeu como pôde. Ele se enfiou num buraco com o índio e ficou vigiando a curva do atalho, sem esperar nada de importante. Devia ser outro rebate falso.

Então apareceu o homem, montado num burrico que se movia pachorrenatamente. Logo atrás, caminhando com dificuldade - parecia arrastar a perna esquerda - vinha um mulato magro, de calças rasgadas e sem ca-



misa. Os dois estavam armados. Pelo balanço do corpo, o homem montado devia estar cochilando. Uma rajada levantou poeira na frente do burrico. O homem endireitou-se e ergueu o rifle. A arma saltou da sua mão, rebrihando, arrancada por um disparo certo. Uma segunda rajada atingiu-o de flanco, derrubando-o com a montaria. Protegido pelo corpo do animal, o mulato conseguiu arrastá-lo para trás de uma pedra cravada no barranco. Sob o fogo que partia de todas as direções (só o soldado jovem não atirava, imobilizado na trincheira improvisada), o mulato se pôs a gritar pedindo trégua, até sua cabeça explodir como um pote de barro.

Os disparos continuaram crivando a pedra, sem que houvesse resposta. Depois, os tiros foram rareando e o último estampido ecoou como um rojão solitário na quietude da tarde. A ordem de cessar fogo, lançada quando o silêncio era total, desencadeou uma correria histérica em direção ao barranco. O soldado jovem não saiu do lugar. Mais tarde, no caminho de volta, o cara-de-índio contou-lhe que, embora muito ferido, o homem conseguira dizer algumas palavras. E que o tenente, ao ouvir o seu nome, ordenara que preparassem

uma maca e o carregassem com muito cuidado.

Um rumor de alfanges interrompeu as recordações do soldado jovem. O helicóptero passou rente à colina e pairou um instante sobre o terreiro, envolvendo a casa numa nuvem de pó. O comandante desceu com um grupo de oficiais. O tenente veio recebê-los, seguido de longe pela tropa desordenada. Conferenciaram rapidamente e entraram no casebre.

— Será que irão fuzilá-lo? - perguntou o soldado jovem, impressionado com o desinteresse do outro pelo que estava ocorrendo.

O rosto ainda coberto pelo capacete, o que dava à sua voz uma sonoridade cavernosa, o soldado velho respondeu:

— Tai uma coisa que não é da nossa conta. Não acredito que tenham vindo costurar as suas feridas. Para mim é um homem morto.

— Estranho...

— Tudo para você é estranho.

— Como pode um sujeito vir de tão longe se foder aqui a troco de nada? Não entendo, juro que não entendo.

— Já falou com alguém a esse respeito? - perguntou o soldado velho.

— Desde manhã isso não me sai da cabeça, mas só falei agora, com você.

— Então escute bem o que vou dizer. Não faça essa pergunta a mais ninguém. Nunca mais repita essa pergunta.

O jovem olhou-o espantado. Como uma vasilha entornada, o capacete despejava no capim a cabeleira oleosa do soldado velho. Não teve ânimo para perguntar a razão daquele conselho. Encolheu as pernas, envolveu-as com os braços e apoiou o queixo nos joelhos.

Com manobras hesitantes, a galinha reaproximara-se da porta. Um grupo de soldados comprimia-se junto à janela. Após alguns minutos, o comandante e os oficiais saíram apressados e retornaram ao helicóptero que continuou imóvel. Só o tenente permaneceu dentro da casa. Dois tirões de pistola ressoaram secos como golpes de um martelo e os soldados recuaram da janela, dispersando-se em silêncio pelo terreiro. Repondo a arma no coldre, o tenente cruzou a porta. Com um pontapé, tirou a galinha do caminho e, sem olhar para os soldados à sua volta, desapareceu no interior do helicóptero, já em movimento.

Pálido, agarrando com força os joelhos que tremiam, o soldado jovem murmurou:

— Não entendo.



FROM RIO WITH NOTHING

Hamilton Trevisan

Três horas da tarde. Dois paladinos chegam à estação rodoviária do Rio de Janeiro. Um deles é catatau, menos de um metro e sessenta. O outro mede um e oitenta e seu nome é Jorge. Veste apenas calça e camisa e carrega, embrulhadas em jornal, uma cueca e uma camiseta limpas. O baixinho está de terno e gravata. É um velho terno de sarja marrom, um pouco amarrotado pela longa viagem, mas limpo. A lapela direita está descosturando e terá de ser reparada na próxima lavagem. Sua camisa, como sempre, encolheu demais e o colarinho não pode ser abotoado. Em consequência, a gravata fica um tanto ridícula quando apertada, o nó encostando direto no pomo-de-adão. No espelho do mitório ele registra o desarranjo e afrouxa o laço, na esperança de parecer um sujeito descontraído que se põe à vontade no calor. Traz uma pequena mala de lona, dessas que as companhias de aviação costumam presentear aos passageiros. A sua foi comprada em São Paulo, há muitos anos, numa loja da rua do Seminário. Era a princípio azul-marinho, agora é azul-celeste. Dentro dela, com capricho, colocou uma camisa esporte, comprada especialmente para aquela viagem, uma camisa de colarinho, também nova e com barbatanas, três pares de meia (sua maior preocupação nos dias quentes), escova e pasta de dentes, um aparelho de barbear e, escondido sob as outras peças, um calção de banho. E a primeira vez que visita o Rio de Janeiro.

No ônibus para a cidade, o baixinho se adianta para ficar do lado da janela. Jorge percebe a manobra e acha ridículo. O baixinho observa a paisagem com muito interesse, embora um tanto decepcionado. Vê apenas ruas pobres e sujas, prédios velhos, o muro enegrecido de um gasômetro idêntico ao de São Paulo. Só quando ingressam na avenida Rio Branco, começa a ter a sensação de que realmente se encontra na cidade maravilhosa, capital do país. As calçadas largas, a multidão colorida, a cúpula azulada de um palácio (ou seria uma igreja?) emergindo do arvoredo no fundo da avenida, exaltam em seu coração o desejo secreto de unir o útil ao agradável: servida a humanidade, uma entrada no mar, de preferência em Copacabana. Num tom de cautelosa displicência, arrisca perguntar:

— De que lado fica a praia?

Indiferente ao cenário por onde desliza o ônibus — esteve no Rio várias vezes — Jorge nem sequer ergue os olhos do jornal.

— Logo aí em frente. Não vai dar pra ver. Saltamos antes.

As mãos agarradas à alça da maleta que equilibra nos joelhos, o baixinho perde-se em devaneios, enquanto tenta.



vislumbrar no horizonte, recortado por árvores e prédios, ao menos um lampejo de areia ensolarada.

Descem do ônibus e dirigem-se ao endereço que lhes foi indicado. Todos os movimentos são decididos por Jorge que se irrita com a tendência do companheiro em se distrair, olhando para todos os lados, fuçando as vitrinas e soltando exclamações diante das exuberâncias cariocas. Mais se irritaria se soubesse o que se passa em sua cabeça desde que imaginou ter visto a Confeitaria Colombo.

No pequeno escritório de um vigésimo andar, o mulatino pede que esperem. O patrão não deve demorar. Terá de deixá-los sozinhos, pois o expediente termina às cinco e precisa correr para pegar o trem. Antes de sair, faz a gentileza de indicar onde está pendurada a chave do banheiro que fica no corredor.

Há dois sofás velhos no escritório.

— É aqui que vamos dormir?

— E eu lá vou saber!

Jorge está mesmo de mau humor. O baixinho pensava em sondá-lo sobre a possibilidade de retardarem a volta pelo menos até a tarde do dia seguinte mas desiste. Coloca a maleta no chão e pega a chave do banheiro. Remexe depois uma pilha de revistas na mesinha de centro, escolhe uma e se retira.

O banheiro é sujo e não tem papel higiênico. Examina as folhas da revista e sua reação é de desgosto ao constatar que são encorpadas demais. Acomoda-se no vaso e começa a ler. É uma revista soviética. Na capa, uma camponesa jovem de lenço na cabeça e um feixe de trigo nos braços. Embaixo, a frase: "El pan del pueblo".

As viagens longas têm efeito laxativo para o baixinho e ele pressente uma depuração demorada e perfeita. Poderá percorrer a revista inteira. Nutre um secreto e inconfessável orgulho pelo desempenho de seus intestinos que nunca o intoxicam. Entre reflexões automáticas a respeito de suas qualidades íntimas, vai virando as páginas.

O artigo de fundo, ilustrado com a foice e o martelo em cinza claro sobre o texto, fala do apoio do povo e do governo soviéticos aos movimentos de libertação da Ásia, da África e da América Latina. Em castelhano, as frases mais corriqueiras soam grandiloquentes e mexem com o seu coração.

"Los campesinos esclavos, los obreros explotados sin piedad, los niños subnutridos y desamparados, todas las víctimas del capitalismo, del colonialismo y del imperialismo no están solas en absoluto. Tienen para su respaldo el apoyo decidido del heroico pueblo soviético, el mismo pueblo que, sin medir sacrificios, supo resistir la máquina de guerra nazi fascista, asestandole el golpe fatal. No, los oprimidos, adonde quiera que estén, no deben sentirse solos..."

Termina de ler e sente os olhos úmidos. Levanta o rosto. Na porta da privada está escrito: "Quer comer uma boa vivia? Mate seu pai, filho da puta. "A letra é toda torta e ele imagina as péssimas condições de vida de quem rabiscou aquele desabafo. Sim, porque é nos banheiros (pensa ele) que o povo expressa livremente seus sentimentos. Não importa que recorra à pornografia. Quem escreveu aquilo é certamente um revoltado e foi essa a maneira singela que encontrou para dar vazão ao descontentamento, agredindo a moralidade burguesa. Teria sido o mulatino? Conclui que não. O dono do escritório é um exilado, participa ativamente da arrecadação de fundos para a campanha em favor dos presos políticos da Espanha e de Portugal. Deve tratar bem os empregados. Na parede da direita, embaixo de uma bunda mal desenhada, lê a seguinte informação: "O Jesuíno dá o cu. Fone: 35-65.66."

— Pobres coitados — medita o baixinho. — Não sabem onde está o verdadeiro inimigo e se digladiam.

Volta a folhear a revista. Fotos de uma grande represa em construção na Sibéria. Milhões de quilowatts. Revolução igual eletricidade mais eletricidade mais eletricidade. O polvo da Light. "Não é a mesma coisa," esclarece o teórico que mora em seu cérebro. "A Light está aqui para sugar, tem de ser nacionalizada. Como o petróleo. Com energia não se brinca."

Terminou. Agora, se limpar. Com o retrato de Kruschev não será conveniente. Por que não trouxe um jornal? Além de macio, tem sempre a parte de anúncios que pode ser usada sem remorsos. Que irão dizer se encontrarem a revista rasgada? Nas duas últimas páginas, fotos de uma recepção no Kremlin. Sala São Nicolau. Embaixadores, respectivas esposas, sorrisos, taças de champanhe, casacas, vestidos longos. Aniversário da revolução de outubro. O baixinho se higieniza.

Lava as mãos e o rosto na pia encardida, enxuga-se com o lenço e volta ao escritório. Sente-se leve e reanimado. Ao ver Jorge roendo as unhas, pondera consigo mesmo se uma boa cagada não iria acalmá-lo.

— Será que ele ainda demora?

— Como é que eu vou saber?

De novo a resposta ríspida. Melhor ficar quieto. Põe a revista sobre a mesinha. Ao fazer isso, vê no chão um jornal minúsculo, quase do tamanho de um livro. Pega-o com cuidado. As folhas são finíssimas, transparentes, as letras se confundindo de um lado e de outro. "Portugal Livre", diz o título.

— É feito de arroz — informa Jorge, aproximando-se.

O baixinho não entende.

— Pode ser mastigado e engolido, no caso de aparecer a polícia.

Admiração e respeito. Coisa de gente esperta. *A porta da sala é arrombada. A PIDE entra e encontra todo mundo mastigando com ar inocente.* Rasga uma pontinha da primeira página e põe na boca. Tem mesmo gosto de amido. *Mesa para dois. Talheres, um jarro de vinho. No prato, como panquecas, uma pilha de jornais.*

— Mas isto é o fim! — exclama Jorge. — Veja que loucura.

Mostra-lhe uma revista. É também soviética e, na quarta capa, traz a fotografia colorida de um homem vestido esportivamente. Tem cara de veado o sujeito e, a julgar pela raqueta que apoia muito frescamente na cintura, trata-se de um traje especial para freqüentar quadras de tênis: camiseta branca, calças brancas, sapatinhos brancos.

Impressa em russo, a revista é toda sobre modas. Camisas espalhafatosas de turista americano, paletós almofadinhas, óculos rajbam.

— Não estou dizendo? — continua Jorge. — Já degenerou. A União Soviética degenerou. Isto mostra bem o que eles querem.

O baixinho confere. Infelizmente parece verdade. Há inclusive um desfile de modas, com as mesmas velhas gordas assistindo, como se vê nas revistas de qualquer país capitalista.

— Isso não quer dizer nada — afirma, sem muita convicção.

Jorge faz uma careta gozativa:

— Então você acha que quem está nessa onda tem alguma coisa a ver com o sofrimento dos pobres? Não percebe a frivolidade, a falta de consciência revolucionária...

O baixinho concorda só para encerrar a conversa. Não gosta de fofocar contra a pátria do proletariado. Além disso - ocorre-lhe — existe a China, onde todo mundo usa a mesma roupa, como num seminário. E quem sustenta a China? A URSS, é claro. Acaba encontrando uma saída para o impasse ideológico:

— É até bom que se preocupem um pouco com esse tipo de coisas. Atrai a classe média.

— Esquece — interrompe-o Jorge

— Desculpem a demora — diz uma voz com leve sotaque português. O baixinho se volta. Sorridente, rosto sangüíneo de apreciador de vinho, o homem estende-lhe a mão:

— Infelizmente não tenho lá grande coisa para vocês. A colônia está limpa feito um tacho raspado. Não sai níquel.

Passaram a noite na casa do português, em Santa Tereza. Era um sobrado imenso, muito antigo, com um pátio interno cercado de arcos. Inquieto, o baixinho saiu dar uma volta. Não foi longe. Não tinha a menor idéia de como chegar à praia. Entrou num boteco e esticou o quanto pôde o chope com churrasquinho. Antes das dez, estava de volta. Deu com o portão do pátio trancado. Com muita vergonha, teve de gritar para que Jorge, xingando em voz baixa, viesse abrir o cadeado.

Jardim Pagão

fragmento

RUI MOURÃO

Ângelo se achava assentado entre a um tronco, no Parque Municipal, olhar ouvidos pousados entorpecidos no cachoeirar atirar das águas do córrego, que se confundia com o ressoar ventado arrebatado das altíssimas árvores sombrosas, quando foi despertado pelo vulto de Militão, que dele se aproximara pela primeira vez:

— Mestre... — reboou a voz descomunal daquele homem descomunal — vim porque tenho escutado as suas pregações.

— Parem, um momento que seja, para lembrar que vocês existem, irmãos. Então, aproveitem para verificar que outras coisas à sua volta também existem. A natureza deste país é de uma riqueza como em parte alguma nunca nem se imaginou. Pessoas sem conta têm vindo de todos os lados só para ver como as matas aqui crescem mais cheias e num gigantismo de espantar. Nossos rios são de dimensões que assombam. Tudo aqui é verdor, é viço, é abundância. Acreditem no que sempre repito: o trabalho é praga nessa terra. É desgraça que a inveja dos nossos inimigos trouxeram para destruir o que recebemos como um presente e um privilégio.

— Cuidado!

Espalhando atirando pés na correria, pressionado escapulado com o grupo, Militão não percebeu no primeiro momento o que acontecia e só quando se livrou até certa distância foi que se voltou e deparou: com os policiais em ação, um derrapando fingida perseguição aos fúgitivos, na direção oposta, outro porretando sucessivamente a cassetete a cabeça e os ombros de Ângelo, que continuava parado no mesmo lugar e apenas se encolhia protegendo a nuca com as mãos. De volta para ajudar o colega, o primeiro guarda esmurrou Ângelo como um tijolo na boca do estômago e, quando se curvou apertando com os braços o abdômen, em garfo no queixo — o que o lançou de costas ao solo.

— Pra aprender a escutar os avisos — respirava a custo o guarda, consertando a farda. — Da próxima, será pior.

Do lago, Militão suspendia um lenço escorrendo água, embolava uma compressa para umedecer os vergões e os inchados arroxeados do corpo sem camisa.

— Por que não correr?

— Você não vai ficar preocupado com isso, vai?

— É que não compreendo: parou de propósito?

— Ora, estou habituado. Já me levaram preso mais de uma vez, me espacaram... Agora, sempre é assim. Eles não sabem mais o que fazer.

— De todas as riquezas Deus nos cercou, irmãos. E podem estar certos, o que deseja é que saibamos aproveitar o Seu presente generoso. O Sr. Padre me desculpe, mas a Igreja no Brasil está errada. O Brasil é um país todo diferente, um país como não há outro igual. Para nós é que contam de fato as palavras do Evangelho: "Olhai os lírios do campo. Eles não fiam nem tecem, no entanto ninguém jamais se vestiu como eles."

— Te esconjuro, Satanaz!

O berro alocado de braços abertos livro derrubado, do sacerdote no altar, desencadeou afinal o vacilante fluante apavoramento que mal vinha sendo segurado contido por Militão, e quando ele viu, estava correndo igreja em fuga. Percebeu que todo mundo havia se erguido dos bancos e, em seguida, que sofrera recebida qualquer coisa como um calço e ia batendo corpo inteiro o rosto contra o chão, a cabeça escorregada espremida contra uma quina. E que estava imediatamente agarrado por duas, por quatro, por dezenas de mãos e erguido solto no ar como um objeto, como um objeto era às pressas transportado caindo sendo sustentado sobre o apoio instável daquelas mãos, como um objeto acabou lançado esparramado porta a fora. A dor do baque afogueou violentíssima e, nela ainda se contraindo, contrarrebeu uma pancada pelas costas: Ângelo que chegava, também arremessado.

— Agora entendo por que a gente deve agüentar — Militão, juntamente com Ângelo, afundava o lenço na água.

— No primeiro instante me apavorei, mas depois... Foi uma sensação... de liberdade, sei lá! Parecia que eu era um super-homem, uma força capaz de tudo, só por ter perdido o medo de apanhar. Não é isso?...

— Eu não sinto nada.

— Não? Então por que se deixa espancar?

— Eu não deixo, eles é que me espancam.

— Espancam... simplesmente?

— Espancam. Isso é tarefa deles, não minha. A mim o que me cabe é chamar a atenção do nosso povo, que precisa

ser despertado.

— Mas e se o matarem?

— Problema deles. Há coisas que estou percebendo, entende? Nada, neste mundo, vai me impedir de transmitir aos outros o que estou percebendo.

— Sr. Governador, em nome do povo e dos verdadeiros interesses nacionais, imploro a Vossa Excelência que se recuse a inaugurar esta fábrica.

Suspense geral parou despencado no ar, gelando Militão no canto recuado em que se marginalizava.

— Quem é esse homem?! — os olhos agora explodiam francamente endurecidos triangulares.

— De onde surgiu?

Ângelo não dava o menor sinal de ter ouvido aquelas vozes congestionadas ou de perceber o rebuliço que o ameaçava:

— A desgraça que adviria para a nossa predestinada terra, que vem sendo assolada...

Dois ombros, surgidos de um lado e outro o imprensaram o arrancaram do microfone, pelos dois ombros foi forçado empurrado a caminhar se afastar.

— Vê, Sr. Governador — debatia-se de corpo voltava o rosto, tentando retardar aquela apressada caminhada — as forças adversárias são mais organizadas do que se supõe.

Desapareceu jogado por uma porta, que se fechou puxada atrás.

— Hoje, está mais nervoso, não?

Em meio à solta fumaça pitada inundante, mal perceptível à fraca iluminação que chegava ao pé da árvore, Ângelo parecia mais fino e etéreo, dava a impressão de que vacilava se volatilizava, de que ia desaparecer por entre aquelas nuvens brancas a se moverem germinadas lentas, demoradas pasmadas.

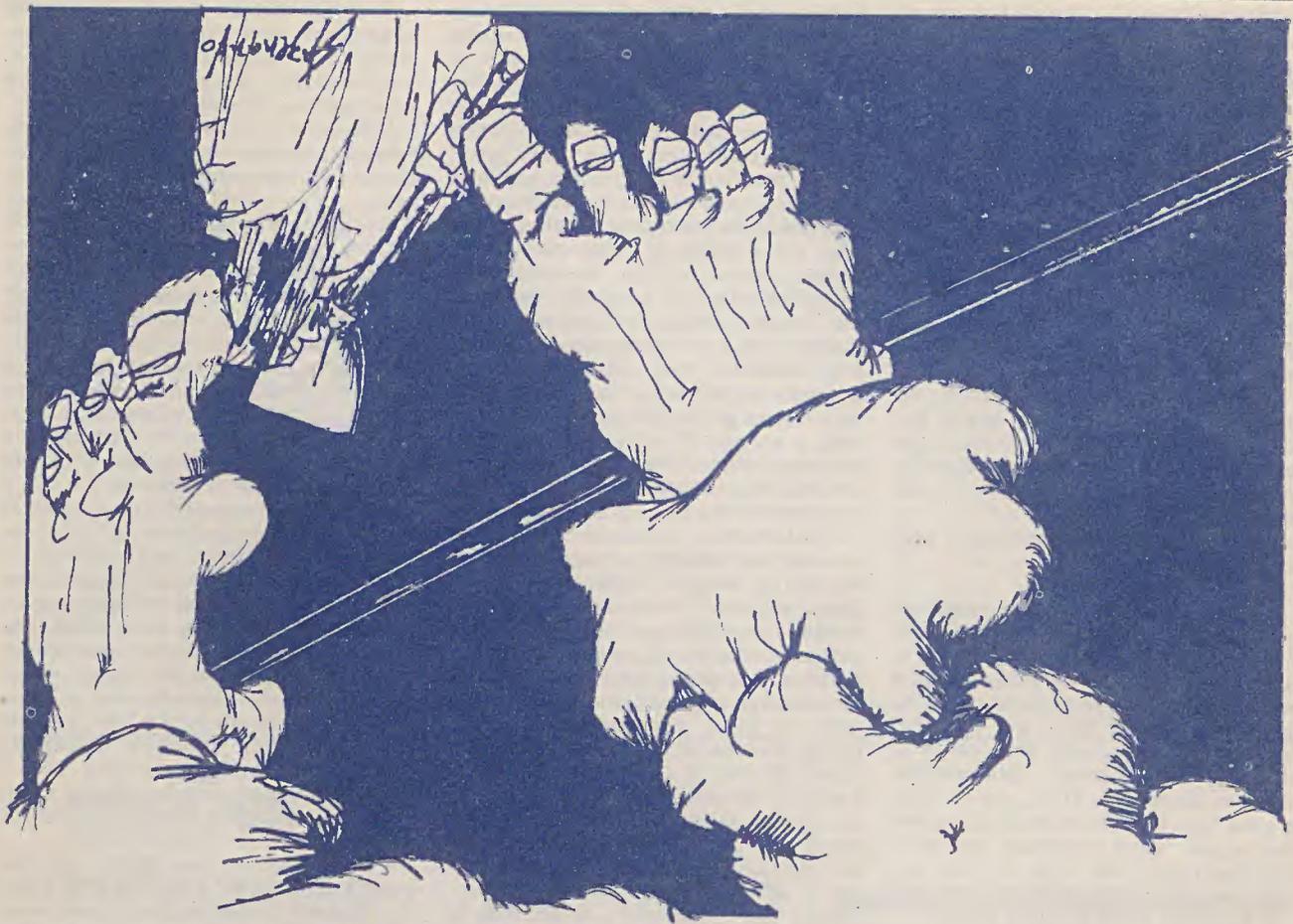
— Nervoso? Que esperança! Nunca me senti com mais entusiasmo.

Relampagueando contra a luz, os olhos apresentaram realmente um brilho lascado intenso, febrivo.

— Mas não tem sido um fracasso continuado?

Retornaram, pontearam equilibravam agora uma parada de encontro à claridade os olhos agateados:

— Pelo contrário, pelo contrário. Tudo se encaminha de maneira cada vez melhor. Venho lançando os problemas... Estou vendo, no ar, o amadurecimento deles. Não quero adiantar



nada a você, mas breve terei uma grande surpresa para todos.

Espadanando batendo água com o braço esquecido do que fazia e com a outra mão instintivamente protegendo a vista do chapado reflexo dos raios do sol, Militão se afundava no lago até à cintura, bobendo bambeado num pensamento navegado pra trás, levado perdido pra trás.

Porque há três dias que comparecia sozinho àquele banho ritual matinal e há três que Ângelo não era mais companheiro sequer para as conversas debaixo da árvore. Interrompera sem qualquer explicação as pregações e não se arredava do tronco, onde sem dúvida nenhuma vinha experimentando uma intensidade de vida que o minava por dentro, que o destroçava inteiramente. O mais visível era o crescimento do olhar - cada vez mais largo despregado caído e mais brilhante - e o progressivo atrofiamento do corpo, que ia deixando só pele sobre os ossos. E o impressionante era acompanhar o esforço gigantesco com que aquele físico em ruína se auto-escorava para não sucumbir desfalecer ao peso de algo desproporcional e desconhecido - algo que, por mais presente e evidente que tombasse, de cá de fora apenas se pressentia.

- No mapa da terra afortunada, numa distinção deve ser feita entre as regiões brasileiras? - exprimentou Militão, enquanto mordida uma fruta,

como se estivessem num dia normal de ensinamento.

Mas Ângelo continuava irremediavelmente despencado distanciado enclausurado em si, entregue navegante a abismos extremamente vastos e profundos do ser. Resolveu-se apenas um movimento ascendente de vir à tona, o espírito acabou exteriorizando expelindo um som:

- Ehhh?...

Depressa se ergueu se apegou àquela ponta:

- As partes do Brasil... O Nordeste, por exemplo, com as secas, pode figurar ao lado das demais regiões?

- Espere, espere... - disse, num evasivo deslocado passeio na verdade inconsciente e de pronto desligado.

Diante da prodigiosa dilatação alcançada pelos olhos de Ângelo, Militão não conseguia deixar de encará-los a fosforescerem como duas lanternas contra o tronco da árvore e, de súbito, os viu subirem e moverem. Só os dois focos eram visíveis, mas não restava dúvida de que Ângelo se levantara e vinha caminhando. Ao deixar a escuridão maior da copa da árvore e cair na claridade da lua, revelou que só os olhos mesmo avançavam, o corpo havia desaparecido. Militão recuou num impulso violento, batendo com as costas em outra árvore, mas inutilmente, porque os olhos já o haviam alcançado e o atacavam... Acordou suado, numa manhã cheia de sol, com Ângelo sacudindo-lhe os ombros:

- Acorde, seu preguiçoso. É tarde e hoje é dia de pregação. O povo nos aguarda.

Ergueu-se sustentou-se no cotovelo, para tentar compreender o que enxergava: Ângelo, com as feições sadias anteriores, estava atento e desenvolto, numa disposição bem humorada.

- Quem pode negar, irmãos, que somos um povo avesso a guerras e a todo tipo de violência? Aqui não há epidemias nem grandes calamidades e fomos preservados também de vulcões, terremotos e furacões. O nosso clima não é glacial nem quente em excesso e há uma gradação confortável que o torna diversificadamente atrativo em cada ponto do país. O ser humano, nesta parte do mundo, viveria tranqüilo e feliz, alcançando prodigiosa longevidade, se lhe fosse permitido manter-se fiel ao seu estado natural.

Encerrando rente as suas palavras, como se presentisse a aproximação da polícia e temesse não sobrar tempo para aquela providência, Ângelo começou a enfiar as mãos nos bolsos e esvaziá-los de algo que saía jogado chovido escapulido pra todo lado.

- Ourooo! - esparramadamente sem modos, alguém havia saltado gritado atingido o chão, num tombo esganado de mãos braços procurando ajuntar arrebanhar.

- Ouro??

- Ouro sim!

Cabeças cricadas, mergulhos chocados arrebanhando roupas, deixando



peças caídas no asfalto de barriga ou de costas, mas ainda assim tentando agarrar um, dois dos fragmentos amarelos.

— É ouro! — os berros abertos varriam para os quatro cantos.

— De onde brotou isso? — apontava berrava o Delegado, nervoso com o excessivo número de pessoas entulhando o gabinete.

— Da generosa terra deste país, em que todos se recusam a acreditar.

— O senhor está mesmo pretendendo convencer alguém de que descobriu uma mina de ouro no Parque Municipal?

— Que é ouro o senhor já averigou. Quanto a ser produto ainda bruto, parece não haver dúvidas. Não julgo muito próprio dizer que descobri o que pode ser apanhado facilmente à flor da terra.

— E o senhor, confirma o que está ouvindo?

— Ele de nada sabe.

— Aha! — grandiosamente voltou-se agarrou no ar o Delegado. — Então ele de nada sabe? É parceiro das vagabundagens, mas não fica sabendo quando o senhor encontra uma prodigiosa riqueza amontoada? Que bela amizade, heim! — E endurecendo de repente as feições, atacando com a vista comprimida em lâminas: — Olha, seu maluco de uma figa, já ando cansado das suas. Nos vamos, neste momento, apurar o disparate todo. Mas aí se não for verdade o que está dizendo!

— Ali, logo atrás daquela árvore.

Empurrado estumado por incontinência pressa repentina, Militão adiantou-se desbandeiradamente, saltou o largo passo voador pequena elevação, deparou com uma surpresa que o esmurrou violento o deixou de coração martelando doido descompassado no peito: o socado de terra do local em que dormia, junto ao tronco, achava-se revolvido como a picareta e estufava derramava ouro — torrões montões de ouro.

— Nossa Mãe de Deus! — escutou.

— Não!...

— Ouro, ouro, ouro!

Saltaram aqueles homens um sobre o outro, sobre o ouro, mãos e mais mãos trabalhando, num silêncio de que súbito se fechou suado severo. Encheram os bolsos, encheram o côncavo do paletó segurado apertado contra a barriga.

— Mantenham segredo — gritava pra trás o Delegado, desajeitado já correndo e mal conseguindo segurar a sua carga. — Não falem com ninguém até nós voltarmos.

Compreendendo que não teria esclarecimentos, que talvez não existisse mesmo nenhuma explicação a ser dada — assobiando, tão indiferente como se houvesse perdido a memória do que acabava de acontecer, o companheiro se agachara à beira do córrego, na sua atitude de brincar atirando seixos contra a queda d'água — Militão, já sacando do bolso o fumo, deixou-se cair assentado encostado como pôde ao tronco. Bateu o isqueiro, acendeu o pito, sugou-o ansiosamente — tão pro-

funda quanto apressada quanto repetidamente — desejando sufocar em si algo que pousava engastado incomodava que não conseguia entender claramente. Em meio ao fumaceiro ascendente de verdadeira locomotiva, começou a se sentir tranqüilo, vastissimamente pacificado distendido por uma emoção suavíssima tão reconfortante... Continuou largadamente a chupar babar, substituindo o fumo no mesmo ritmo, agora porque o entusiasmo subia-lhe como se todo ele viesse de um fundo e flutuasse cabeceasse permanecendo a um nível cada vez aos galões bebido mais alto, mais alto. Quando acordou, percebeu que Ângelo não se achava mais à beira do córrego e a seu lado abria-se um buraco cavado profundo. Ergueu-se, meio procurando se orientar, viu que os buracos e os montes de terra eram numerosos.

Contornando buscando saída, cada vez mais afobado com o desaparecimento de Ângelo, deparou foi sacudido pela visão escancaradamente panorâmica de dezenas, centenas de homens e mulheres — picaretas e pás a trabalharem destroçarem a paisagem — e ao tomar consciência do que verdadeiramente fazia, constatou que estava correndo esbarrando em pessoas afundando perdendo os pés em terra fofa. Entreviu Ângelo ao longe, violão contra o peito, saltitante por entre a indiferença dos que continuavam na obsessão de cavar. Correu mais determinado, sabendo agora onde desejava... chegar não era bem o quê. Chocou-se esbarrado contra a aproximação de Ângelo, transmutado que se achava, de cara pintada emmassada de branco de palhaço, chapéu em cone de palhaço, sapatos de ponta levantada encurvada de palhaço. Pulando com o ritmo da música que cantava, estraçalhava uma como que chacota risonha sonora excitada, dançada com gestos excessivos diante de um grupo de escavadores que prosseguiam a trabalhar impassíveis, pulava em seguida pra a frente de outro, com a mesma surpresa e o mesmo desfechado entusiasmo estacado repentino, antes de começar a desengonçar a repetida bizarria.

— Ângelo!... Ângelo!...

Um frio escorreu-lhe pela espinha ao verificar que aqueles berros abertos, como gritados dentro de um sonho ou em diferente plano temporal, escoavam varriam desembestados inúteis.

— Ângelo!... — aplicou toda a força dos pulmões naquela verdadeira descarga nervosa.

E chegando agarrando-o, abraçou abraçado enganchado os próprios braços, escapado irrompido aquele corpo num movimento saltitado cantado para a frente — pássaro em liberdade — em nada fora do ritmo da música.

— Você vê o que estou vendo? — agarrou um ombro qualquer.

Se desprendendo brusco, o homem continuou na sua suada tarefa de cravar o duro dente da picareta no fundo da cova que o enterrava já pelo joelho.

— Que anda acontecendo? — correu para diante de outro. — Pode me dizer?

Prosseguindo no mesmo dinamismo absorvente, esse sequer parecia ter tomado conhecimento da sua presença.

— Você... — agarrou-se chocou-se a uma moça. — Por favor, me...

Voltou-se ao escutar um ruído, para receber uma pá que vinha fechando escurecendo em pancada sobre a sua cabeça.

Abrindo os olhos, foi invadido pela visão suspensa oblíqua de Ângelo, no ar assentado voador no ar, a metros e metros de altura. Ergueu-se de arranco recuando quase caindo num monte de terra, pondo-se em pé para enxergar melhor para levar a mão em anteparo à testa: dedilhando violão, estufando na fantasia rebrilhante fosforescente à luz do poste, sustentava-se Ângelo em cima de um arame estendido de árvore a árvore. Passado o susto, sentiu que à sua volta tudo era silêncio, viu que as pessoas se achavam dormindo escornadas por todo lado, à beira das covas. Moveu-se para gritar para Ângelo, que continuava derramando dolentes acordes madrugaluaireiros, uma dúvida lhe conteve a voz à garganta. A cabeça ardia. Levou a mão, a dor se incendiou. Se lembrou da pancada que o havia derrubado. Correu para o lago, a roupa pesada pegajosa molhada, empapada de sangue. Agora percebia até o cheiro. Possuído de nojo, chegou à beira da água, de pés e pernas e corpo foi nela entrando se chafurdando.

Esfregou-se ruidosamente em ansioso nervoso banho geral e uma mancha escura, visível mesmo na penumbra, foi se abrindo em círculos à volta. Deslocou-se para longe, o nível da água subiu abraçou agradável até o peito. Agachou-se para submergir também o pescoço. A luz dos postes espelhava a estática, silenciosa superfície do lago, o lamento de Ângelo e seu instrumento dormia afundava-se com o paradeiro, a soturnidade do Parque e toda a ação da noite desdobrava-se no céu, onde nuvens esbranquiçadas galopavam contra a prodigiosa boiante lua cheia. De repente, uma impressão estranha veio se instalar, estalar em seus sentidos: qualquer coisa andava acontecendo, a paisagem lhe ressurgia brilhante mais viva. Fixou, olhou tenso prolongado, bateu-lhe que uma luminosidade ia aos poucos se propagando envolvendo, voltando vindo, ramagens folhas desmunhecadas na viração que chegava, até a ele veio trazendo uma espécie de ária, de hino jovial, de sussurro. Em meio à música, gritrinhas de pássaros.

— Militão, você está sendo chamado — como numa caixa acústica, reboou a voz de Ângelo.

Moveu-se apressadamente, tomado de susto, de susto cada vez maior fugiu empurrado, a água toda se amarelou incendiando, ganhando luminosidade tão intensa que o varejava, o deixava transparente. Com os pés saindo pingando de uma espécie de ouro derretido, saltou para a margem. Voltou-se e os olhos se dilataram para abranger a grandiosidade do que via: o lago estava tomado por um clarão dourado alum-

brante, uma força injetada de luz que vinha firme do fundo e estourava vaporizava em halo acima da superfície líquida. Respirando pela boca, o coração desarranjado despertado no peito, se agachou, enfiou feriu com a mão e verificou que a água continuava água, o fundo do lago é que parecia calçado chapeado daquele brilho.

— Meu Jesus! - escapou-lhe.

Se levantou cabeceou contra a afoção, enxergando a distância, do outro lado, pessoas a cavalo com as montarias de pescoços espichados tombados bebentes para... um riacho?! Instintivamente os olhos acompanharam o curso d'água, notaram que se comunicava com o lago, um pouco para a esquerda. "O Córrego do Leitão havia alterado o seu curso?", pensou e se lançou em corrida, desejando verificar tudo de perto. O grupo montado começava a se mover, indo embora. Rejoujou-se em velocidade desabrida, com medo de perder uma oportunidade única. Ao atingir a outra margem, a cavalgada desaparecia em trote afundado por entre as árvores: eram guerreiras de arco e flexa, longas cabeleiras,

túnicas brancas ajustadas por largo cinturão de couro. Observava o córrego se desdobrando, à saída do Parque, em quatro outros, quando tombou à sua frente um bolo de macacos brincalhões. Virou-se e foi para nova surpresa: em vasto espetáculo rasgado matinal, a natureza se derramava em vida intensa. Animais esportivamente lutando amenas roladas alegrias, animais depositados em descanso à sombra das árvores, animais se enfiando sacudindo folhagens. Atirados pássaros tatalavam no ar, catando insetos lançando metálicos pios claros, ocultos pássaros trinavam embolavam um canto demorado perdido pelos galhos — cantos que pareciam crescer se avolumar nas gargantas, obrigando a aberturas de bicos felizes libertadoras bem abertas. As árvores, por toda parte, tombando pendentes pesadas de frutas maduras.

O júbilo que o agrediu foi tão desconcertante que não poderia dizer o tempo que demorou abraçado àquele enlevo. Deu-se como se tivesse se embriagado num desmaio esquecimento... Quando percebeu, os primeiros sinais

da alvorada manifestavam-se no céu. O Parque já era o que sempre fora, a terra dos buracos amontoados visível na semi-escuridão, os escavadores dormindo o seu sono de mau-jeito, com os corpos envergados nas posições mais incríveis. Aproximou-se do lago e agachou-se para lavar o rosto, molhar o pescoço. Com aquelas partes umedecidas entregues à brisa da manhã que vinha clareando, aproximou-se do local onde, no alto, continuava Ângelo a sua música sonolenta.

— Mestre — gritou, rosto erguido, sentindo-se quase abandonado ali no chão — eu não mereceria uma palavra de sua parte?

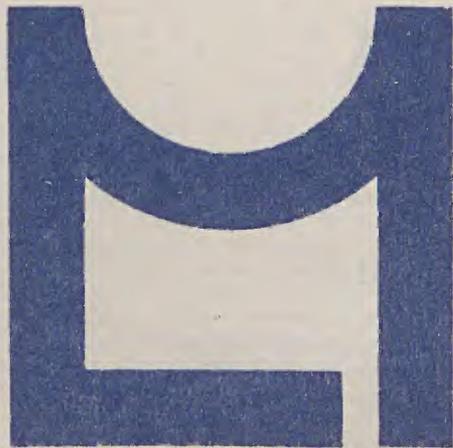
Fugindo a responder, Ângelo saltou de assentado que se achava, caindo em pé se equilibrando sobre o arame, e entrou fogosa e intencionalmente a se movimentar, de um lado para outro, num desencadear de música e canto e dança alegre, num estrépito tão intenso que começou a acordar as pessoas cá em baixo.

— Hum-hum! — estremunhavam.

— Puxa, que sono!

— Áã!... Hein?

pistões pinos
bronzinas buchas



METAL LEVE

METAL LEVE sa. indústria e comércio
Rua Brasílio Luz, 535, 04746 (Sto. Amaro) São Paulo
Telefone 241-0011

"Todo menino é Galileo Galilei"

Um livro com onze contos sobre meninos e adolescentes para quem gosta de descobertas e mudanças.

"Todo menino é Galileo Galilei" - diz Pellegrini - "todo menino faz todo dia uma descoberta, e a partir dela vai mudando".

Pedidos por reembolso à:
Vertente Editora Ltda.
Rua Monte Alegre, 1434 -
fone 62-3699
05014 - São Paulo



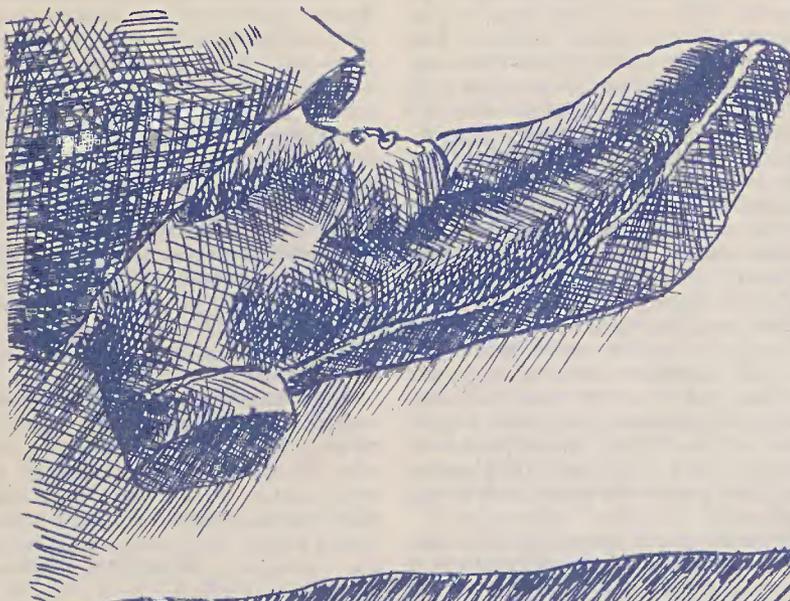
Cr\$ 55,00



O CONTO DA PROPAGANDA
breve nas livrarias

Organização de
Dennis Toledo





CAIXA D'ÁGUA

DEONÍSIO DA SILVA

Aquele homem era sempre de um confuso falar. Ninguém parecia gostar das histórias que ele contava, mas todos admiravam o jeito como ele as contava. Sofriam ouvindo seu conversar e comentavam uns com os outros a raiva comum que tinham das assombrosas coisas que o homem lhes enfiava nos ouvidos.

Eles não podiam resistir. Ninguém podia opor argumentos contrários. Mas iam chegando outros ao grupo dos que o ouviam. Então, por alguns dias, os veteranos acreditavam que aqueles novos iam enfim contestar e destruir a conversa escura daquele homem. Mas logo todos estavam também em estado de tédio geral.

No devagar e no choro daquele passar de tempo ele ia deramando o seu veneno espumoso sobre aquela gente que o rodeava. O seu veneno era um remédio muito nocivo que ia corroendo o ouvido daquela gente. Mas por que não se afastavam?

Eram atraídos por um desejo doente, total e permanente de sofrer a judiação daquele homem. E ele se alegrava com o poder sádico que tinha de entristecer todo aquele povo? Muito pelo contrário, era um homem de muitas mágoas, sendo a maior delas toda aquela atenção que lhe dedicavam.

Começara a cantar algumas décimas apenas para quebrar o silêncio geral. Com o tempo o povo foi ficando enjoado de ouvir sempre as mesmas décimas, mas mesmo assim não se afasta-



vam dele. E então ele se viu obrigado a inventar todas aquelas histórias supérfluas. Às vezes, chegava a teorizar para si mesmo: "o supérfluo que tivermos e mantivermos é roubo; por isso tenho que contar todas estas coisas, que não são minhas. Assim cumpro o que o Velho Santo Tomás nos ensinou. Mas o que é o supérfluo?"

Calava-se aquele homem, mas o povaréu não lhe dava tempo de pensar.

De que vivia aquele homem? Vendia inseticidas e outros remédios venenosos para proteger a plantação. Era o mais rico daquele povoado. Todos os que plantavam viviam em grandes dificuldades por causa dos baixos preços dos produtores em anos de boa safra e por causa dos azares do tempo em anos de preços bons. E então, embora não tivessem combinado isso, ficava assim: eles, que derramavam o suor na terra, rasgavam suas carnes nas roçadas, pisavam sobre espinhos arruinantes, sapecavam os olhos nas queimadas, sofriam com o mormaço do sol no tempo de limpar as plantas, respiravam o veneno que espalhavam para derrubar as pragas das lavouras — viviam todos em grande miséria, com uma muda de roupa cada um, um sapato que calçavam uma vez por ano, e outros trens de pouca serventia. E ele, que não fazia nada disso, apenas viajava de vez em quando para trazer o remédio venenoso para eles, sem nada plantar, sem se esfolar, sem rasgar os pés, sempre muito bem abotinado, vestindo até paletó — vivia grandioso e folgado, parudo e vermelho. Para ele o remédio venenoso fazia bem.

II

Foi se criando, porém, uma inveja braba entre aquela gente, depois de misteriosas mortes que andaram acontecendo. Seu Gervásio enforcou-se na cruz do cemitério, depois de matar a mãe a pau; Merência fugira com seu sobrinho postiço, vivera amasiada uns anos e agora se virava na casa das mulheres, tendo dado os dois filhos para que sua mãe criasse; o velho Graciliano morrerá aturricado de veneno; Seu Otacílio chegou a perder uma das vacas de leite, por descuido de um motorista que lavara o caminhão na sanga que servia de divisa às terras de Seu Otacílio.

Foram perguntar a dona Mosa o que é que se podia fazer contra o homem. Ao contrário do que esperavam, a velha benzedeira, que para tudo tinha um jeito, abriu os braços: era possível fazer o homem erguer-se dali, mas não era conveniente. Tinham esquecido do tempo das pragas nas roças? Tinha adiantado a bênção do padre? Tinha adiantado a simpatia com facão cruzado feita no lado norte das roças? Se o homem fosse embora, o povo ia comer o quê? Acabariam as pragas, mas acabariam as plantações também, iam ficar em miséria muito pior. O que podiam fazer era ameaçar o homem com alguns sustos, dar a entender que não ficasse tão rico, que diminuísse a distância. Mas não sendo casado, nem pai de filhos, sendo jururu no mundo, de que jeito iam bulir com ele? Bombear durante os casos que contava para ver se pegavam o desgranado em alguma mentira? Mas quem é mesmo que entendia direito o que ele contava, para poder aprontar um desmascaramento? Além do mais, o velho agiota Emílio e outros maiores do lugar tinham interesse em que o homem permanecesse por ali, pois desde que chegara, eles tinham aumentado seus lucros, estavam todos indo muito bem.

De repente apareceram aqueles compradores de terra que pagavam um dinheirão pela propriedade de cada um. Dona Mosa começou a avisar que não vendessem por aqueles preços, que entre eles aquelas quantias avultavam muito, mas para quem ficasse sem terra, aquilo ia valer muito pouco. O pessoal receava um pouco, mas achava que dona Mosa já estava caducando e cada um ia vendendo a sua parte. Um ou outro não pensava em vender, mas era um compadre que também vendia a sua, era um vizinho esquisito que vinha morar no lugar do outro, era isso, era tudo aquilo.

Mas foram conversar com o homem do veneno para tirar um tempo. Com surpresa observaram que ele estava furioso com o pessoal que tinha chegado, que não tinha respeitado a sua posição, gente desajeitada e esquisita, não eram companheiros de ninguém, com ninguém não conversavam.

IV

Na reunião mensal com os do bairro, o padre explicava: "Vamos ver se eu, explicando mais simples, vocês entendem. A agricultura brasileira, desde o descobrimento do Brasil, foi sempre praticada com arado de pau. Mas dos anos sessenta para cá, ela foi modernizada. Botaram máquinas — trator, co-

lhadeira, essas coisas. Mas para que um colonista possa trabalhar com máquinas em sua lavoura, tem que ter conta e financiamento no Banco do Brasil. Mas para ter financiamento no Banco do Brasil, ou em qualquer outro, precisa ter uma certa quantia de terra. Vocês tinham só um pedacinho cada um, não podiam mesmo ter ficado onde moravam. Tá entendido agora? Tão sabendo por que é que vocês estão morando aqui agora? Não adianta chorar. Se vocês tivessem ficado lá, estavam passando mal do mesmo jeito. Vocês vieram para cá, não têm qualificação profissional nenhuma, isto é, vocês não sabem fazer serviço nenhum, só sabem trabalhar na roça e aqui não tem roça". Por entender, eles estavam entendendo, mas o que é que podiam fazer? — isso é que perguntavam pro padre. O padre era estrangeiro e parecia não ter a menor piedade, mas era que era honesto por demais.

E um dia aquele homem veio na reunião do bairro, ficou muito quieto ouvindo o padre com os outros e depois que o padre foi embora, destravou-se a língua daquela gente. Começaram a beber a garrafa de cachaça que o homem tinha no bolso, logo ele alcançou dinheiro para que um deles fosse ao bar buscar mais algumas e quando era tarde da noite, ele falou por último: "Só tem um remédio venenoso. É a gente matar todo mundo. Porque o nosso lugar é aqui mesmo. Lá pra onde a gente morava, a gente nunca mais vai voltar".

Antes de dar boa noite, aquele homem ainda perguntou: "Vocês não bebem da água encanada, bebem?" Ninguém tinha água encanada em casa e isso era num sábado.

IV

A caixa d'água ficava no alto do morro, de onde podia-se ver a cidade toda iluminada quando lá fosse noite. Se era noite de luar, a água dos tanques brilhava pois eram descobertos. Marly, um dia que foi amada lá em cima daquele morro em noite de vento agradável, contemplando o leve ondar daquelas águas, dissera para seu professor e amante: Um dia um louco pode vir aqui e envenenar toda a cidade; basta deitar um pó nesta água e a cidade inteira amanhece morta. "Você anda lendo muita porcaria", dissera o professor. "Os loucos estão todos nos hospícios". "Todos, menos dois. Aonde é que já se viu a gente se encontrar logo aqui em cima".

O homem subiu todo aquele morro com as bolsas nas costas e chegou todo molhado de suor, apesar de ser noite fresca de novo. Tirou a camisa e ficou admirando a cidade acesa, parecia que era dono do mundo. Viu, em cálculo rápido, que aquelas bolsas não iam bastar e foi longe, em casa, buscar mais, desta vez vindo com a picape lotada.

V

E deu-se o que nem na bíblia estava escrito, o que nenhum profeta profetizara, nem para o fim do mundo. As pessoas começaram a morrer como as pragas das roças. O hospital ficou de repente lotado, todos os quatro médicos do lugar acordados às pressas, doutor Parobé saiu com as marcas da boca de Matilde em sua cara, aquele bato-roxo, inconfundível, mas naquela hora ninguém prestava atenção para nada, nem se importavam que Matilde era noiva e ia casar dali a alguns dias com um advogado falador. Doutor Leôncio tinha estrebuchado ainda de madrugada e foi encontrado teso ao lado da mulher, também morta. Os que morreram primeiro foram com certeza os que tinham estado numa festa na casa de um granjeiro, onde tinha rolado uísque à vontade. À noite bateu a sede e os que tomaram água das torneiras estavam no outro mundo, ou então muito despedaçados por dentro, gemendo, chorando, se espregando. Era pior que a guerra mundial.

Os que sobraram enterraram seus mortos, alguns enterraram mortos que não eram deles, famílias inteiras foram dizimadas.

VI

De tudo guardou-se o mais fechado segredo entre o pessoal do bairro. Os mais velhos olhavam-se assustados, alguns choravam, outros puxavam os cabelos, no maior desespero. Na encomendação de cada morto, o padre praguejava a ira de Deus contra o que tinha construído tanta crueldade no coração. Diziam uns: depois que o homem buliu na lua, aqui embaixo é uma esculhambação só, não dá mais nada certo, uns são inimigos dos outros, as famílias não podem mais criar os filhos, ninguém mais ouve os padres, todo dia tem morte violenta, brigam, se atiram, se faqueiam, é a maior confusão. Diziam mais outros: desde que o mundo é mundo, que o homem só estraga a terra, aqui é o lugar de seu fim.

**Escolha um destes 50 títulos
e peça por reembolso postal
Não somos perfeitos mas temos
condições de atender
a quase todos os pedidos que você fizer**

1) OS RATOS - Dyonélio Machado	30,00	29) LAMBÕES DE CAÇAROLA - João Antônio	36,00
2) OS DEUSES ECONÔMICOS - Dyonélio Machado	78,00	30) PROBLEMAS INCULTURAIS - Osman Lins	90,00
3) A VACA E O HIPOGRIFO - Mário Quintana	60,00	31) O PÊNULO DA NOITE - Marcos Rey	70,00
4) BERRA CORAÇÃO - Lourenço Diaféria	60,00	32) O GOVERNO JOÃO GOULART - Moniz Bandeira	100,00
5) ANTOLOGIA POÉTICA — Ferreira Gullar	60,00	33) AS RAZÕES DA INDEPENDÊNCIA - Nelson Werneck Sodré	100,00
6) LUTA CORPORAL - Ferreira Gullar	60,00	34) A REVOLUÇÃO BRASILEIRA - Caio Prado Jr.	98,00
7) DENTRO DA NOITE VELOZ - Ferreira Gullar	60,00	35) MISÉRIA DA FILOSOFIA - Karl Marx	60,00
8) POEMA SUJO - Ferreira Gullar	60,00	36) A IDEOLOGIA ALEMÃ - Marx/Engels	65,00
9) OBJETO SELVAGEM - Mário Chamie	80,00	37) TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS 1 - Vários	60,00
10) OS MENINOS - Domingos Pelegrini Jr.	55,00	38) TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS 2 - Vários	75,00
11) TARDE DA NOITE - Luiz Vilela	70,00	39) UM REPÓRTER NA CHINA - Flávio Alcaraz Gomes	30,00
12) SIMULACROS - Sérgio Sant'Anna	85,00	40) AS GRANDES DIVERGÊNCIAS DO MUNDO COMUNISTA - Jean Baby	60,00
13) O BANQUETE - Mário de Andrade	75,00	41) AS GUERRAS CAMPONESAS NA ALEMANHA - Engels	50,00
14) 200 EXERCÍCIOS E JOGOS - Augusto Boal	65,00	42) CARTAS FILOSÓFICAS - Marx/Engels	45,00
15) LUZ DE AGOSTO - William Faulkner	55,00	43) INTRODUÇÃO AO FASCISMO - Leandro Konder	70,00
16) O URSO - William Faulkner	60,00	44) CAPITALISMO E ESCRAVIDÃO - Eric Williams	80,00
17) CONFISSÕES DE UMA MÁSCARA - Yukio Mishima	60,00	45) TRATADO DE MATERIALISMO HISTÓRICO - N. Bukhharin	80,00
18) MÁRIO E O MÁGICO - Thomas Mann	50,00	46) BUROCRACIA E IDEOLOGIA - Maurício Tragtenberg	72,00
19) A LESTE DO ÉDEN - John Steinbeck	100,00	47) INTRODUÇÃO À ECONOMIA POLÍTICA - Rosa Luxemburgo	120,00
20) AVENTURAS DE ALICE - Lewis Carroll	110,00	48) HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL - Nelson Werneck Sodré	190,00
21) POÉTICA - COMO FAZER VERSOS - Maikóvsky	40,00	49) EXPANSÃO CAFEIEIRA E ORIGENS DA INDÚSTRIA NO BRASIL - Sérgio Silva	45,00
22) CEM POEMAS CHINESES - Hugo de Castro	50,00	50) A PREGAÇÃO DA LIBERDADE - Teotônio Vilela	120,00
23) BOM DIA PARA OS DEFUNTOS - Manuel Scorza	80,00		
24) GARABOMBO, O INVISÍVEL - Manuel Scorza	80,00		
25) LA NOVELA ESPAÑOLA ACTUAL - José Corrales Eglá	42,00		
26) AS FAC - Jorge Asis	60,00		
27) ELOGIO DA SOMBRA — PERFIS — Jorge Luis Borges	45,00		
28) VAGAMUNDO - Eduardo Galeano	35,00		

Na

Livraria Escrita

o autor nacional tem sempre
um lugar na prateleira

Rua Dr. Homem de Melo, 446 (porão) - Perdizes

Fones: 62-3699 e 262-8861
05007 - São Paulo (SP)

POESIA

SETE POEMAS

Juan Gelman

Só este ano os espanhóis tomarão conhecimento da obra de um dos maiores poetas do idioma castelhano. O contista e jornalista brasileiro Eric Nepomuceno conta, de Madri, por que sua poesia ficou tanto tempo ignorada, embora na Argentina já tenha lançado oito livros, todos banidos das prateleiras das lojas especializadas. O poema "Mudanças" pertence ao livro "Relaciones", "31 de Março" e "Cuba Sim" a "Gotán", "Estado de Sítio" a "El Juego en que Andamos", "Desfile Popular do Décimo-Primeiro Aniversário da República Popular da China" a "Velorio del Solo". Em relação a "Fidel" (que pertence à série "Cuba Sim") uma explicação do tradutor: "O cubano reserva o adjetivo "caballo" aos homens que merecem admiração total e incondicional. Conta um amigo que, ao chegar a La Habana, se surpreendeu ao ver como chamavam Chê de "caballo". Depois de um mês de visita decidiu: para a opinião média de Cuba, só há três "caballos" unânimes: Fidel, o Chê... e Shakespeare." Pg. 16



SETE POEMAS DE JUAN GELMAN

tradução e apresentação de
Eric Nepomuceno

Em 1978, a editora Alfaguara, de Madrid, entregará às livrarias três mil exemplares da "Obra Poética" de Juan Gelman - reunião de quase vinte anos de poesia. Mais adiante, nesse mesmo 78, a editora Turner porá à venda um volume de poesia americana - com trabalhos novos de Juan. Parece piada, mas não é. só agora, nestes dias de outono de inverno torto, a Espanha conhecerá o trabalho de um dos melhores poetas do idioma castelhano.

Em todo caso não há espaço para muita surpresa: nos últimos dez ou quinze anos, quantos poetas lograram romper as fronteiras e levar seu canto para outros pagos? Houve um tempo em que, tendo Neruda de porta-estandarte, a poesia da América espanhola ameaçou longas viagens. Não foi bem assim, para azar nosso. Toda uma geração de vozes especialmente comprometidas com a cor do dia a dia foi sendo relegada a um segundo e injusto plano. Num dia de 1975, Roque Dalton morreu fuzilado em El Salvador, e quanta gente teve tempo de conhecer sua poesia? Num dia de 1976 Paco Urondo morreu em Mendoza, e nem mesmo na Argentina é fácil encontrar quem saiba aquilatar o grosso calibre de sua poesia fresca e densa.

Ou seja: por um punhado desses misteriosos aesignios da negativa providência, o trabalho dos poetas (ou de boa parte deles) acabou sendo um trabalho pirata, clandestino. Pensando bem, são desígnios nem tão misteriosos, nem tão nebulosos.

Juan Gelman editou, na Argentina, uns oito livros. Não por acaso, estão todos banidos das livrarias. Ficaram na memória dos poucos leitores dessa tanta poesia. O próprio Juan vive agora longe dos cafés de Buenos Aires e da magia das ruas. Ele faz parte dos grossos cordões de trabalhadores da cultura que, nesses tempos de sombra, escorregaram para fora do mapa de nossas comarcas. Vive desde março de 1975 em Roma. Continua escrevendo, mas agora escreve menos: talvez porque, para ele, as urgências sejam outras.

É normal que no Brasil Juan seja desconhecido. Culpa dos brasileiros? Também - mas não só isso. Afinal, sua "Obra Poética", reunida num livro de 410 páginas pela editora Corregidor, em julho de 1975, ainda não conseguiu (ou não pôde) vender os cinco mil exemplares previstos pelo otimismo - mais que justificado - dos editores.

Agora ele virá à Espanha, o que significa ir um pouco além das estreitas fronteiras às que pretendem, com tanto esforço, confinar a poesia. Dia desses, nas livrarias daqui. Sorte.

Juan Gelman publicou seu primeiro livro - "Violín y Otras Cuestiones" - em 1956, e ganhou um entusiasmado prólogo do já então veterano e louvado Raúl González Tuñón. Depois vieram "El Juego en que Andamos" (1959), "Velorio del Solo" (1961) e o livro que marcou toda uma reviravolta na poesia sua e na de outros: "Gotán" (1962). Ali se esgotou uma nítida tendência poética, e se abriu outra, um caminho mais individual, o impossível (mas alcançado) equilíbrio entre a aventura mágica das palavras e o compromisso assumido com suas gentes, seus sonhos e seu tempo. A forma exata de conjugar poesia com as grandes questões de nossos tempos. No fundo, claro, as mesmas velhas questões. Mais cruéis, talvez, em nosso tempos.

Depois de "Gotán" vieram "Los Poemas de Sidney West" (1969), "Fabulas" (1971), "Colera Buey" (1971, reunindo poemas escritos entre 1962 e 1968) e "Relaciones" (1973). Tudo isso mostrando a ambiciosa procura de uma palavra própria, uma busca nascida do intimismo, do chamado "realismo crítico," depois, outra vez o intimismo bebido em Vallejo, depois a abertura a novas formas, um estilo singular, seus olhos grandes olhando o mundo.

Houve um tempo em que também na Espanha os poetas eram perseguidos e a poesia amordaçada. Um tempo recente. Mas agora as livrarias daqui abrirão um pequeno espaço para os que estão calados e amordaçados em outras terras. E aí vem Juan. Quem sabe, um dia, ele chega ao Brasil?



MUDANÇAS

não se esqueçam os orgulhosos
que na hora de ir para a tumba
do mesmo jeito se estrepam humildes e poderosos?
mas nós não queremos a igualdade só na morte
também queremos igualdade na vida
queremos justiça em vida

por que estava triste o empregado da ferrovia na manhã
apoiado contra a grade da estação?
por que seu olhar se perdia sem ver ninguém dos que
passavam junto a ele?
por que estava triste esse homem?

por que há tantos homens e tantas mulheres tristes no país?
por que a certa hora do dia parece que uma maré de tris-
teza fosse arrasar a cidade?
por que tanta gente escapa assim pelos olhos ou destila pe-
los olhos tristeza?
por que essa tristeza golpeia de noite as janelas?

estas reflexões sobem em mim
metido no beliche, cama de cima, na cela 4 do pavilhão de
castigo da prisão de Villa Devoto
eugenio embaixo ouve seu rádio transistor
um raio de sol passeia lento pela cela

por que passeia esse raio de sol por aqui?
eugenio ficou encurvado pela tortura mas dele não arran-
caram uma só palavra
eugenio é um operário terno delicado
dele não arrancaram uma só palavra

a mulher de eugenio às vezes chora sem saber por que
interminavelmente sem saber por que chora e abandona a
casa uma semana ou duas
abandona eugenio uma semana ou duas
um raio de sol passeia pela cela agora

e eu? por que estou escutando crepitar a tristeza de eu-
genio
se sei que há poucos tão puros como ele?
então sua tristeza não o defende da dor?
às vezes perde seu olhar sem ver ninguém dos que passam
junto a ele então?

nas celas da frente
os comuns não tem beliches nem colchões
à meia-noite lhes dão um colchão para dormir
têm que ir buscá-lo nus

os carcereiros obrigam os comuns nus a correr
atirar-se ao chão arrastar-se para buscar o colchão
o inverno não pode esquentar as lajes geladas do pavilhão
de castigo
eugenio se curva ainda mais quando o arfar dos comuns se
choca contra a porta da cela 4

esses ruídos tapam as crepitações da tristeza de eugenio?
eugenio crepita de fúria agora?
a tristeza se congela em passarinhos que ardem de fúria?
em fúria vai dar a tristeza dos pobres do mundo?

a tristeza desse empregado da ferrovia dará em fúria?
uma maré de fúria arrasará a cidade?
arrasará os beliches do pavilhão de castigo da prisão de
Villa Devoto?
arderão as lajes geladas do pavilhão e os comuns e nós?

nós não queremos só a igualdade na morte
também queremos a igualdade na vida
queremos a justiça em vida
embora seja curta e longa a morte

FIDEL

dirão exatamente de Fidel
grande condutor o que incendiou a história etcétera
mas o povo diz o cavalo e é verdade
fidel montou sobre fidel um dia
se lançou de cabeça contra a dor contra a morte
mais ainda contra o pó da alma
a História discorrerá sobre seus feitos gloriosos
prefiro recordá-lo no canto do dia
em que olhou sua terra e disse sou a terra
em que olhou seu povo e disse sou o povo
e aboliu suas dores suas sombras seus esquecimentos
e sozinho contra o mundo levantou em uma estaca
seu próprio coração, o único que teve
abriu-o no ar como uma grande bandeira
como um fogo aceso contra a noite escura
como um golpe de amor na cara do medo
como um homem que entra tremendo no amor
ergueu seu coração, o agitava no ar,
dava-o de comer, de beber, de iluminar
fidel é um país
eu o vi com marés de rosto em seu rosto
a História que se entenda por sua conta
mas eu o vi quando subia gente por seus "poderíamos"
boa noite História escancare teus portões
entramos com fidel com o cavalo

31 DE MARÇO

Terminou o mês
e o filho sem chegar
e meu irmão sem voltar.

Se acabou o mês e não amei tuas pernas
não escrevi esse poema do outono em Ontário
e penso penso penso
foi-se outro mês
e não fizemos ainda a revolução

O JOGO EM QUE ESTAMOS trechos

Talvez o mundo caiba na cozinha
onde falamos do filho.
O futuro é um rosto, um nome doce,
um sangue caminho a este caminho.

Amor se diz de um estranho modo:
berço, fralda, cueiro.
Estas coisas comuns.
Estas palavras brancas.

O amor cresceu.
A primavera canta em meu lenço.

ESTADO DE SÍTIO

Ordens, botas, grades.

Fora a manhã continua.
Dentro o grande amor
se move e se ergue, ainda.

A esperança é uma criança ilegal, inocente
reparte seus panfletos,
anda contra a sombra.

DESFILE POPULAR DO DÉCIMO-PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Era possível em uma rua de Pequim, a manhã passava com operários mesclados ao outono, como cheia de rostos de parentes amados, casos íntimos, vãos, e cabeças, cabeças ondulando ao sol entre bandeiras, sob a luz de outubro outra luz acendia a escuridão do ar: um rio de ternura frente à paz celeste das portas, quero dizer: um rio de vitória ou seja: uma corrente de rostos em liberdade, como de prata isto é: o outono soava como se pisado por milhões de pés doces, ou melhor: acontecia a suavidade da alma, como Pequim, como bandeiras, casos íntimos, rostos e a Revolução.

CUBA SIM

É duro e seco o solo aqui como regado por derrotas, prantos escuros, cada noite te abraço beijando tuas pálpebras, não mais que minha ternura tenho para oferecer-te, é terno o que nasce, é terna Cuba quero dizer que te ofereço todos os meus nascimentos, o que me dás, o que aprendi de mim querendo a ti, a sede que dás, exatamente.

Do "Chi King",
compilado por Confúcio,
a Mao Tse Tung,
quarenta séculos de uma poesia
que ainda hoje encanta os ocidentais

CEM POEMAS CHINESES



HUGO DE CASTRO

Cr\$ 50,00

Nas livrarias
ou
por reembolso postal

Pedidos à
Vertente Editora Ltda.
Rua Dr. Homem de Melo, 446
Fones: 62-3699 e 262-8861
05007 - São Paulo (SP)

ASSINATURAS DE PUBLICAÇÕES DA VERTENTE

Assinale com um X o(s) título(s) de sua preferência:

- | | |
|---|-------------|
| <input type="checkbox"/> Escrita anual sem direito a número atrasados | Cr\$ 250,00 |
| <input type="checkbox"/> Escrita anual com direito a três números atrasados: | Cr\$ 300,00 |
| <input type="checkbox"/> Escrita semestral sem direito a números atrasados. | Cr\$ 125,00 |
| <input type="checkbox"/> Escrita semestral com direito a dois números atrasados: | Cr\$ 150,00 |
| <input type="checkbox"/> Escrita/Ensaio anual (seis números) com direito a dois números atrasados | Cr\$ 150,00 |

Observações: 1 - As assinaturas para Ovelha e Outrossim estão temporariamente suspensas.
2 - Favor colocar os números atrasados após os dois pontos, nas respectivas linhas.
3 - Não poderemos fornecer números atrasados de Escrita 1, 2, 4 e 13.

Favor preencher o quadro abaixo:

Nome:
Endereço:
Cidade: CEP: Sigla do Estado:

- Segue cheque visado para
 Segue vale postal para

Vertente Editora Ltda.
Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Fones: - 62.3699 e 262.8861
05007 - São Paulo (SP)



SERVIÇO

DEZEMBRO SEM CLARICE

Entrevista a Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti

Foi em outubro de 1976: sob a coordenação do prof. João Salgueiro, Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti entrevistaram Clarice Lispector para o arquivo do MIS. Poucas vezes a autora, que morreu dia 9 de dezembro aos 52 anos de idade, se sentiu tão à vontade falando de sua vida e de seus livros. "Escrever é um fardo," dizia Clarice. "A minha libertação seria poder não escrever." Pg. 19

MAIS IMPORTANTE É A LIBERDADE

Entrevista com Tristão de Athayde

Na entrevista a Stella Carr, que publicamos a partir da pg. 25, Tristão de Athayde não se limita à literatura: fala da infância, da sua formação, da liberdade e dos sérios problemas que a Igreja enfrenta hoje ("Eu considero que a Igreja, pelas próprias palavras do Evangelho, concede uma enorme liberdade.")

LIVROS

"Um Negro Vai à Forra", de Edilberto Coutinho, "Uma Idéia do Doutor Watson" de Paulo de Medeiros e Albuquerque, e "Raízes da Morte", de Murilo Carvalho, são os livros comentados nesta seção. Mas apresentamos também um amplo noticiário sobre os lançamentos mais recentes. Pg. 28

INFORMAÇÃO

Esta seção também é feita pelos leitores: enviem recortes de jornais e revistas e todo noticiário que julgarem interessante. Serão bem recebidos. Pg. 29

CARTAS

Só agora a matéria escrita pelo prof. Milton José de Almeida sobre João Antônio, em Escrita 19, encontra um contestador: o leitor Bráulio Tavares. Pg. 31.

REGISTRO

Apenas 12 pessoas participaram do nosso concurso mensal de contos e poemas. Resultado: nenhum trabalho selecionado. Pg. 31





DEZEMBRO SEM CLARICE

Uma entrevista concedida
a Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti
para o arquivo do MIS
(seleção e organização de
Maria Amélia Mello)

No dia 20 de outubro de 1976, a partir das 15h20, Marina Colasanti e Affonso Romano de Sant'Anna entrevistaram Clarice Lispector para o arquivo do Museu da Imagem e do Som, sob a coordenação do prof. João Salgueiro.

Este depoimento talvez tenha sido o último de Clarice, pelo menos gravado, e praticamente inédito. As duas horas e pouco de bate-papo deixaram Clarice bem à vontade, ela que não gostava de dar entrevistas e se dizia uma "timida arrojada".

A vida e a literatura, uma imagem só. Clarice falando de Clarice, da mulher e da escritora. Dos mistérios de Clarice.

Sexta-feira, dia 9 de dezembro de, 1977, depois de estar internada há um mês no Hospital da Lagoa, desaparece uma das grandes escritoras brasileiras. Morreu Clarice Lispector, aos 52 anos de idade, apanhada pela incógnita cura de sua doença.

Mas não é a morte nossa matéria. É a vida. É a possibilidade de permanência que a criação artística estabelece. É a força de todos os mistérios, de todos os modos, de todas as respostas.

É a continuidade de seus atos, de seus livros, de seu trabalho diário na imprensa. Estas são as partículas da eternidade.

A eternidade da estrela.



Antes de ler e escrever, eu já fabulava. Inventei com uma amiga quieta, que me obedecia, uma estória que não acabava mais. Depois de aprender a ler e a escrever, devorava os livros.

CL - Aos dois meses de idade cheguei ao Brasil e ainda assim me chamam de estrangeira. É bobagem. Talvez seja por causa de meu "r" dobrado.

Vimos para o Recife e meu pai trabalhava na lavoura. Depois ele pegou representações de firmas. Fiquei no Recife até os meus 12 anos.

Não, não há nenhuma formação artística na família. Soube, muito mais tarde, que minha mãe escrevia diários, mas não se guardou nada.

Nós éramos bastante pobres e ainda havia doença em casa. E eu era tão alegre que escondia a dor de ver aquilo tudo.

MC - *Em algumas entrevistas que eu li, você sempre me pareceu ter tido uma infância despreocupada.*

CL - Era como eu me sentia, apesar de toda a dor que eu via.

(as primeiras leituras)

CL - "Antes de ler e escrever, eu já fabulava. Inventei com uma amiga quieta, que me obedecia, uma estória que não acabava mais. Depois de aprender a ler e a escrever, devorava os livros. Eu pensava que livro era como árvore, como bicho, coisa que nasce. Não sabia que era um autor por trás de tudo. Lá pelas tantas, eu descobri e disse: "Eu também quero".

Assim comecei a escrever e a mandar meus trabalhos para o Diário de Pernambuco que, na época, publicava contos infantis. Eu gostava de mandar, mas nunca publicaram. E eu sabia por quê. Os que eles recebiam começavam assim: "Era uma vez e isso..." Os meus eram sensações. Não, não guardei nada. Escrevi uma peça infantil de três atos, aos nove anos. Chamava-se "Pobre Menina Rica", que não tem nada a ver com o trabalho do Vinicius, naturalmente. Escrevia e escondia atrás da estante porque tinha vergonha de escrever.

A minha formação foi no Grupo Escolar João Barbalho e fiquei por lá até o 3º ano ginásial. Diziam que eu ia ser advogada porque gostava de reivindicar os direitos. Depois vim para cá e reparei que nunca cuidaria de papéis. Queria estudar advocacia para reformar as penitenciárias.

Mas arranjei um emprego no jornal A Noite e só terminei o curso porque uma amiga me disse que tudo que eu começava eu não acabava. Aí eu acabei logo. O Direito não me ajudou em nada, nem para os direitos autorais. Eu era tão livre, não sei explicar, e excessivamente sensível, por qualquer coisa eu chorava. E lia, lia como uma doida.

No jornal fazia de tudo. Menos crime e nota social.

(com um pé na imprensa)

CL - Sempre andei com um pé na imprensa. Na revista Senhor, por exemplo. Todo mês publicavam uma coisa minha. Em termos de popularização talvez tenha sido muito importante.

Eu sou uma tímida arrojada. Eu sou tímida, mas me lanço.

Por volta dos meus 14 ou 15 anos, escrevi um conto e levei para a revista Vamos Ler. Na época o responsável era o Raimundo Magalhães Jr..

- É pro senhor ver se publica.

Ele leu, olhou e disse:

- Você copiou isto de alguém?

- Não.

- Traduziu isto de alguém?

- Não.

- Então vou publicar.

E publicou.

Depois havia o jornal Dom Casmurro. Também levei uns trabalhos para lá.

Isto sem nenhum conhecimento, nada, nada. Eles gostavam, publicavam e não pagavam. Claro.

AFS - *O dinheiro corrompe talentos.*

CL - Completamente. (risos) Os talentos menores.

MC - *desse mal você não morre.*

(o primeiro livro)

ARS - *A feitura de seu primeiro livro causou um certo impacto na crítica brasileira.*

CL - Logo que publiquei meu primeiro livro, 10 dias depois, fui para Belém, no Pará. De lá recebia os recortes e as críticas que minha irmã Tânia mandava. E eu boba com as críticas, sem contato nenhum com os escritores. Me lembro da crítica do Sérgio Milliet que foi o que mudou a opinião do Alvaro Lins. Eu peguei, mandei o livro e telefonei para o Alvaro e perguntei se valia a pena publicá-lo. Ele disse: "Telefona daqui a uma semana."

Aí eu telefonei.

- Olha, eu não entendi seu livro não, viu? Fala com o Otto Maria Carpeaux que é capaz de ele entender.

Eu não falei com ninguém e publiquei assim mesmo. O livro foi rejeitado pela José Olympio. A edição foi um "arranjo" com A Noite. Eu não pagava nada e também não ganhava nada. Se houvesse lucro, era deles. Isto foi em 1944, quando saiu meu primeiro livro. "Perto do Coração Selvagem."

MC - *Você partiu para esse livro já com a estrutura de romance visualizada ou você trabalhou formando pedaços que depois montou num romance?*

CL - Olha, eu trabalhava e tive que descobrir meu método sozinha. Não tinha conhecido ninguém ainda. Me ocorriam idéias e eu sempre me dizia: "Tá bem. Amanhã de manhã eu escrevo." Sem perceber que, em mim, fundo e forma é uma coisa só. Já vem a frase feita. Enquanto eu deixava "para amanhã", continuava o desespero toda manhã diante do papel branco. E a idéia? Não tinha mais. Então eu resolvi tomar nota de tudo que me ocorria. Contei ao Lúcio Cardoso, que então eu conheci, que eu estava com um montão de notas assim, separadas. Depois elas fazem sentido. Ele concordou. Estas folhas "soltas" deram "Perto do Coração Selvagem".

ARS - *O Lúcio sugeriu alguma coisa tecnicamente, em termos de construção do romance?*

CL - Não. Isto é o seguinte: eu misturei minhas leituras sem nenhuma orientação. Frequentava uma biblioteca e escolhia os livros pelos títulos. Resultado: misturei Dostoiévski com livro para mocinha. E quando fui escrever não tinha nada a ver com nada que eu tinha lido. Tinha que arriscar.

MC - *O título "Perto do Coração Selvagem" é tirado de Joyce. Você já conhecia o autor?*

CL - É de Joyce sim, mas eu não tinha lido nada dele. Eu vi esta frase e aproveitei. Eu tinha lido outras coisas, livros para mocinha, por exemplo. Acho que cabe aos críticos fazer as comparações.

ARS - *O que a crítica sempre enalou no seu trabalho é que você surgiu com estilo pronto. O seu não é exatamente um estilo em progressão, à procura de seu próprio estilo. Em "Perto do Coração Selvagem" você já era Clarice Lispector. E era uma menina de 17 ou 18 anos.*

CL - É. Tinha 17 anos. Engraçado que eu não tenha tido influências. Já tinha escrito contos, como falei, para a imprensa. Como é que eu passei para "Perto do Coração Selvagem" depois destas leituras? Aquilo estava guardado em mim.

ARS - *Há uma influência e parece que você mesma reconheceu uma vez. Não sei exatamente em que nível. Mas se não de uma forma direta, pelo menos de leitura constante sua, que era "O Lobo da Estepe", de Herman Hesse.*

CL - Li "O Lobo da Estepe" aos 13 anos. Me deu uma febre danada. Fiquei feita doida. Eu comecei a escrever e imaginei um conto que não acabava mais. O que é que eu vou fazer, me perguntei. Rasguei e joguei fora.

MC - *Você rasga muita coisa?*

CL - Agora eu aprendi a não rasgar nada. Minha empregada, por exemplo,

Eu pensava que livro era como árvore, como bicho, coisa que nasce. Lá pelas tantas, eu descobri que era um autor por trás. Aí eu disse: Eu também quero.

Eu peguei, mandei o livro e telefonei para o Álvaro Lins e perguntei se valia a pena publicá-lo. Ele disse: "Telefona daqui a uma semana." Aí eu telefonei.

— Olha, eu não entendi seu livro não, viu? Fala com Otto Maria Carpeaux que é capaz de ele entender.

tem ordem de deixar qualquer pedacinho de papel escrito onde está.

MC - *Você começou escrevendo contos de criança muito cedo e, de vez em quando, você sai com um.*

CL - Hoje eu fui entrevistada por quatro meninhas de 11 anos, com fotografias e perguntas & perguntas & perguntas, por causa da estória da mulher que matou os peixes. E se era verdade que eu gostava de bicho. Eu disse, é claro. Também sou bicho.

MC - *O que faz com que você escreva livros infantis esporadicamente?*

CL - Bem, primeiro foi meu filho Paulo, em Washington, quando eu estava escrevendo "A Maçã no Escuro". Ele chegou e disse pra mim, em inglês, escrever uma estória para ele. Eu respondi que agora não. Só depois. Ele insistiu: "Não, já!" Então tirei o papel da máquina e escrevi a estória do coelho pensante que era real, que ele conhecia. Escrevi em inglês para a empregada poder ler pra ele ... eu já perguntei a um médico se era normal ter tantas idéias ao mesmo tempo. Ele disse que todo mundo tem. Por isso que eu me perco assim... ah! aí a estória ficou lá. Passado um tempo, um escritor paulista que organizava livros infantis me perguntou se eu não queria fazer um. Disse que não. Você não tem nenhuma estória pronta, nenhum livro? Não, não tenho. De repente, me lembrei da estória do coelho, que era só traduzir para o português. E foi assim. É, acabei recebendo o prêmio do ano como o melhor livro de estória infantil.

(dos prazeres de escrever)

CL - "O Lustre" (1946) me deu enorme prazer escrever. Mas me dá também uma exaustão. Eu fico cansada da personagem, de tanto lidar com ela.

MC - *Parece que você está falando de uma pessoa que te comanda.*

CL - Mas eu vejo mesmo uma pessoa e ela se comanda muito.

ARS - *Um livro bem posterior, quebrando um pouco a cronologia, que é "Água Viva", a leitura dá a impressão de uma coisa fluida e que teve um jorro só de elaboração. Ele não passou por esse processo seu de coletar pedaços?*

CL - Este livro, eu passei três anos sem coragem de publicá-lo, achando que ia ser ruim. Porque não tinha estória, não tinha trama. Aí o editor Álvaro Pacheco, quando leu as primeiras páginas, disse que ia publicar. E tudo saiu muito bem.

ARS - *É dos seus livros mais transitáveis, para um público médio ou mesmo mais exigente. Estive em Recife outro dia com o Ariano Suassuna e ele me disse que acha "Água Viva" um dos melhores textos que ele já leu até hoje.*

CL - Virge Maria!

ARS - Este "Virge Maria!" é do Nordeste.

CL - Ó xente! também.

(risos)

MC - *Eu encontrei muitos trechos do teu trabalho no Jornal do Brasil, no livro "Água Viva". Você usava muito as tuas anotações, não é?*

CL - Claro! E eu estava escrevendo o livro e detestava fazer crônicas. Aí eu aproveitava. No "Children's Corner" era o mesmo processo, utilizando anotações. Faz parte do livro "A Legião Estrangeira" (1964). Numa parte contos, noutra texto, que o Otto Lara Resende me disse pra botar "Fundo de Gaveta". Eu botei e agora nesta 2ª edição não se chama mais, que é detestável. Chama-se "Para não Esquecer". O livro foi inteiramente abafado pela "A Paixão Segundo GH", (1964), que saiu na mesma ocasião. "A Cidade Sitiada" (1949) foi meu livro mais difícil de escrever. Porque exigiu uma exegese que eu não sou capaz de fazer.

ARS - *Em que sentido?*

CL - Eu estava perseguindo uma coisa e não havia quem me dissesse o que era. Santiago Dantas abriu o livro, leu e pensou: "Coitada da Clarice. Caiu muito". Dois meses depois, ele me contou que estava para ir dormir, queria ler alguma coisa e pegou o livro. Depois me disse: "É um dos seus melhores livros." É, sem dúvida, um livro denso, fechado.

ARS - *Qual foi a motivação que te levou a escrever este livro?*

CL - Era a formação de uma cidade, a formação de um ser humano dentro da cidade, um subúrbio crescendo, com cavalos. Tudo tão vital, construindo. E já não era um subúrbio. Então, o personagem dá o fora.

ARS - *Como foi o processo de criação? Você partiu de uma idéia determinada ou foi juntando textos?*

CL - Tudo meio cegamente. Eu elaboro muito inconscientemente. Às vezes, penso que não estou fazendo nada. Estou só sentada numa cadeira e fico. Nem eu mesma sei que estou fazendo alguma coisa. Aí, de repente, vem uma frase.

MC - *Você tem um tempo físico de aquecimento, não é? Uma vez você me disse que acorda muito cedo, praticamente de madrugada, e não vai escrever.*

Fica andando pela casa, tomando café...

CL - E isso sim! Fico olhando, boquiaberta, voltando ao assunto, vem "A Maçã no Escuro" (1962). Foi engraçado, sabe. Eu escrevi dois livros ao mesmo tempo. "Laços de Família" (1960) e "A Maçã..." Ia pra um e voltava pra outro.

ARS - *"A Maçã" sempre me impressionou muito. Aliás, dos seus livros foi o que sempre me impressionou mais.*

CL - Foi o único livro bem estruturado que escrevi, acho eu. Se bem que "Água Viva" segue seu curso. Mas, sabe, eu não estou a par das escolas, não. Escrevi este livro num jato.

ARS - *Entre Ermelinda e Vitória, dentro da "A Maçã no Escuro", qual é mais Clarice?*

CL - Talvez Ermelinda. Porque ela era frágil e medrosa. Vitória era uma mulher que eu não sou, prepotente. E eu era o Martim.

ARS - *Para fazer um livro como "A Maçã, você teve influências específicas ou fez leituras existencialistas?*

CL - Não, nenhuma. Minha náusea, inclusive, é diferente da náusea de Sartre. Ela é sentida mesmo. Quando eu era pequena, não suportava leite e quase vomitava quando tinha que beber. Eu sei o que é a náusea do corpo todo, de alma toda. Eu só ouvi falar de Sartre no "O Lustre", em Belém do Pará.

MC - *Eu acho que é muito recorrente nos contatos de Clarice com o pessoal de literatura esse desencontro, porque os estudiosos têm dificuldades em admitir que o seu trabalho é de dentro para fora e não o contrário. O seu trabalho, como você disse, te dita, se faz. Você tem até a impressão de que não está trabalhando. E isto para os exegetas literários é uma coisa complicada porque eles procuram caminhos "fora" que lhes levariam às coisas.*

CL - É, eu sei disto. *(relembra de cabeça trechos de livros de Clarice)*

ARS - *Você tem os seus textos escritos na cabeça. E uma vez você me disse uma coisa impressionante: você nunca relê um texto seu.*

CL - Não. Enjôo. Quando é publicado, é como livro morto. Não quero mais saber dele. E quando eu leio, estranho, acho ruim. Aí não leio, ora! Também não leio as traduções que fazem dos meus livros para não me irritar.

MC - *São ruins, em geral?*

CL - Eu nem quero saber. Mas sei que não sou eu mesma escrevendo.

Me ocorriam idéias e eu sempre me dizia: "Tá bem. Amanhã de manhã eu escrevo." Sem perceber que, em mim, fundo e forma é uma coisa só. Já vem a frase feita.

O "Lustre" me deu enorme prazer escrever. Mas me dá também uma exaustão. Eu fico cansada da personagem, de tanto lidar com ela.

ARS - *E você recebe alguma coisa destas traduções? Eles prestam contas?*

CL - Não, nada. Eu, às vezes, pergunto. Mas é inútil porque eles não pagam mesmo. É outro país, é outra coisa. Se aqui me pagam mal..

MC - *Aqui no Brasil seus livros estão em várias editoras, no momento.*

CL - Pois é. Talvez um erro.

MC - *Pois é. Eu queria te perguntar por que estão tão espalhados?*

CL - Sei lá. "Água Viva", que ninguém quis publicar, o Álvaro Pacheco publicou. Houve uma época na Editora do Autor, depois que se transformou na Sabiá. E daí foi comprada pela José Olympio, que ficou com a maior parte dos meus livros. Agora pela Ática e pela Rocco também. E ainda pela Paz e Terra.

(catarse & literatura)

CL - "A Paixão Segundo GH" foi escrito em 1963 e publicado em 64. É curioso, porque eu estava na pior das situações, tanto sentimental, quanto familiar, tudo complicado. E escrevi

CL - Eu, de repente, percebi que a mulher de "GH" ia ter que comer o interior de uma barata. eu estremeci de susto.

ARS - *O seu processo de produção é bastante complexo. Ao mesmo tempo que você joga com o elemento meio irracional, você trabalha na composição, na montagem do texto. Depois você refaz diversas vezes.*

CL - Não.

ARS - *No sentido de repassar o texto.*

CL - Eu não reescrevo, não mexo nas palavras.

(quando eu morrer...)

CL - Quando eu morrer, que eu não sei quando é...

ARS - *Nem pretende, não é?*

CL - Não, não pretendo, não.

MC - *Agora com a Academia aberta às mulheres, você corre o risco de não morrer.*

CL - Eu não quero nada com a Academia.

(os mistérios da bruxaria)

CL - Uma vez me perguntaram como é que eu escrevia. Aí eu disse: Não têm pessoas que cosem para fora? Eu coso para dentro. Mas a idéia da bruxaria ficou nisso. Um fato inconseqüente. Inclusive, na Colômbia, estranhei o clima de Bogotá e tinha muita dor de cabeça. Um dia, me tranquei no quarto do hotel e fiquei sozinha. Não atendia o telefone, só chamava por comida e bebida. Isto de tão enjoado que eu estava achando tudo. Eu enjoô facilmente das coisas.

ARS - *Como é que foi a sua apresentação-lá? Você leu um texto?*

CL - Disseram que queriam um texto sobre o assunto. Eu não sabia fazer um sobre a bruxaria, né? Porque eu não sou bruxa. Então, traduzi para o inglês "O Ovo e a Galinha", que é o conto mais hermético, mais incompreensível e, ao mesmo tempo, compreensível e envolvente. Tinha tradução simultânea. Leram a tradução espanhola. A maior parte das pessoas não sabe o que foi dito, elas não entenderam nada. Um americano ficou tão aluci-

Eu, de repente, percebi que a mulher de "GH" ia ter que comer o interior de uma barata, eu estremeci de susto.

Uma vez me perguntaram como é que eu escrevia. Aí eu disse: Não têm pessoas que cosem para fora? Eu coso para dentro.

Já ganhei muitos prêmios e não ligo para eles. Eu não sei explicar, mas prêmio é fora da literatura. Aliás, literatura é uma palavra detestável.

"A Paixão..." que não tem nada a ver com isso. E não reflete a minha vida porque eu não escrevo como catarse, para desabafar, não. Eu nunca desabafei num livro. Pra isso servem os amigos. Eu quero a coisa em si.

ARS - *Sabe que a teoria da literatura hoje, a crítica literária, tem a si que o texto é exatamente igual ao sonho, tem um conteúdo manifesto e um conteúdo latente.*

CL - Concordo.

ARS - *Tem algumas coisas que o autor acha que está dizendo, mas tem uma série de coisas que ele não sabe que estava dizendo, mas estava. Você não acha que seria possível, mesmo não querendo, fazer uma catarse, que no inconsciente do texto se localize isto tudo?*

CL - Talvez.

ARS - *Há sempre uma faixa do texto, como no sonho, que foge ao controle do autor/sonhador.*

ARS - *Você sabia que a Clarice é uma tremenda bruxa?*

(risos)

CL - Isso um crítico, não me lembro mais de que país latino-americano, disse, que eu não era uma escritora. Não, que eu usava as palavras não como uma escritora, mas como uma forma de bruxaria. Daí, talvez, o convite para participar do Congresso de Bruxaria, na Colômbia.

MC - *A única bruxa brasileira.*

(risos)

ARS - *Conça da sua relação com a bruxaria, Clarice. Se você tivesse que introduzir o leitor nestes mistérios, quais seriam os dados?*

CL - Não tem.

MC - *Acho que você está colocando em termos de bruxaria, mas isso funciona como a criação literária, de dentro para fora.*

nado, que me pediu tanta cópia daquele conto...

(sobre as influências)

CL - Que eu saiba, não tem nenhuma mais marcante, não. Impacto, sim. "Crime e Castigo" me fez ter febre real. "O Lobo da Estepe" me virou toda. Com Kafka, eu sentia uma aproximação muito boa, mas eu já tinha escrito livros antes de ler suas obras.

(a conciliação com a vida diplomática)

CL - A vida diplomática não me perturbou. Eu escrevia em casa, a qualquer hora. Mas eu detestava aquilo tudo. Eu morria de saudades do Brasil. Estive fora 16 anos, com pequenas voltas. Mas sempre conciliei tudo muito bem e cumpri com as minhas obrigações para auxiliar meu ex-marido. Quando acabava um livro no estrangeiro, me perguntavam por que eu não mandava para uma editora traduzir. Eu dizia: porque não é tempo de traduzir. É tempo de trabalhar agora.

Eu nunca releio um texto meu. Enjô. Quando é publicado, é como livro morto. Não quero mais saber dele. E quando leio, estranho, acho ruim. Aí não leio, ora!

Escrever é um fardo. A minha libertação seria poder não escrever.

(sobre a carpintaria do romance)

CL - Os meus capítulos, eu os escrevo concomitantemente. Nunca sei de antemão o que vou escrever. Tem escritores que só se põem a escrever quando têm um livro todo na cabeça. Eu não. Vou me seguindo. Não sei no que vai dar. E depois eu vou descobrindo o que é que eu queria.

ARS - *Quais foram as suas últimas leituras?*

CL - Olha, devo confessar que há muito tempo que não leio, viu? Gosto muito de ler ensaios.

ARS - *Você acha que ler muito atrapalha o processo de criação?*

CL - Não, não devia atrapalhar, não. Quando eu estou trabalhando não leio nada.

ARS - *E quando você lê, lê mais poesia ou prosa?*

CL - Os dois. É um crime, mas leio muito pouco. Todo mundo parece que começa com a poesia. Eu andei escre-

vendo alguma coisa, mas joguei tudo fora porque vi que não prestava.

MC - *Uma vez você me disse que quando lê uma crítica de um livro seu, você passa uns três dias sem escrever, completamente nauseada.*

(a profissão)

CL - Não, não é nauseada, não. Quando estou trabalhando, uma crítica sobre mim interfere na minha vida íntima. Então, eu paro de escrever para esquecer a crítica. Inclusive as elogiosas. Eu cultivo muito a humildade. Às vezes, me sinto quase agredida com elogios.

CL - Por falar em profissional, eu não me considero uma. Porque eu só escrevo quando eu quero.

(os prêmios)

CL - Já ganhei muitos e não ligo para eles. Eu não sei explicar, mas prêmio é fora da literatura. Aliás, literatura é uma palavra detestável. É fora do ato de escrever. Quer dizer, prêmio a gente recebe como recebe o abraço de um

amigo - com prazer. Mas é circunstancial.

ARS - *E as teses que são feitas sobre você? Muita gente lhe procurando?*

CL - Tem sim. Sou muito procurada por jornalista. Muita gente querendo me publicar, escrevendo, pedindo autorização. Só não falam em pagamento.

(o trabalho)

CL - Sou muito desorganizada, mas trabalho depressa.

(a solidão)

CL - Olha, eu tenho amizades, mas escrever é um ato solitário. Às vezes, sinto solidão e até muito profunda.

(o fardo)

CL - Escrever é um fardo. A minha libertação seria poder não escrever.

(o mistério)

CL - O natural é todo o natural. Não se precisa ir buscar longe, não. O natural já é um mistério.

“Hoje, 20 de outubro de 1976, está chovendo, eu estou com um vestido de camurça, estou com os meus amigos e quero saber que valor tem isso depois que eu morrer. Será que ficará? Eu não escrevo para a posteridade.”

Asa Curta e O Rei dos Cacos, dois lançamentos da Vertente



Cr\$ 30



Cr\$ 25

Nas livrarias
ou por reembolso postal
Pedidos à
Vertente Editora Ltda.
Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Fones: 62-3699 e 262-8861
05007 - São Paulo (SP)



Mais importante é a liberdade

(uma entrevista com Tristão de Athayde)

por
Stella Carr

... Eu vou seguindo o meu caminho, as minhas idéias, o que eu penso que seja a verdade. Quem quiser me seguir me siga, quem quiser divergir, divirja. Eu quero é que me dêem liberdade, ultimamente toda a minha preocupação é em torno da liberdade. Liberdade de dizer, de ouvir, de coexistir. Enquanto o mundo não descobrir a necessidade de que coexistam as pessoas que têm idéias diferentes... Eu considero que a Igreja, pelas próprias palavras do evangelho, concede uma enorme liberdade: "Há muitas moradas na casa de meu pai"...

É assim que uma das maiores figuras da inteligência brasileira, Alceu Amoroso Lima, líder incontestado do atual movimento de reespiritualização da nossa vida intelectual, através de gigantescos esforços de toda uma existência, resume seus 84 anos de luta. Sua obra inclui mais de 35 volumes, entre estudos sobre problemas religiosos, sociais, políticos, econômicos, filósofos, psicólogos, pedagógicos, nacionais de modo geral e de atualidade, sem falar na parte crítica e de história literária.

Seis foram os grandes intelectuais nascidos no ano de 1893: Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Jorge de Lima, Leonel Franco, Sobral Pinto e Alceu Amoroso Lima. Crítico militante desde 1919, após formação européia dentro da atmosfera de cepticismo e disponibilidade da "belle époque" de antes de 1914, Tristão de Athayde, pseudônimo pelo qual é largamente conhecido foi crítico literário do movimento modernista, onde teve destacada atuação. Após ligar-se a Jackson de Figueiredo por laços de profunda amizade, de 1923 a 1928, converteu-se ao catolicismo por influência desse último, escrevendo em 1929 *Adeus à Disponibilidade*, um marco divisor em sua evolução intelectual. Morto Jackson de Figueiredo, assume Alceu Amoroso Lima seu posto na direção do Centro D. Vital e de A Orde e torna-se então o líder incontestado da inteligência católica do Brasil. Dificilmente se pode apontar, em qualquer época, qualquer outro intelectual brasileiro que possa se equiparar à sua influência, não apenas literária, mas ainda cultural e espiritual, não apenas nos grandes centros, abrangendo igualmente todo o país.

Mas é entre os jovens que se sente a sua mais poderosa influência como guia e apóstolo de todas as gerações surgidas depois de 1930, tanto através da imprensa, como da cátedra, através do Centro D. Vital, do Instituto Católico de Estudos Superiores que fundou em 1932 e que foi o germe da Pontifícia Universidade Católica, e através da Ação Católica, de que foi presidente por nomeação eclesialística de 1932 até 1945.

Graças à sua grande capacidade de trabalho e à sua enorme energia mental, depois de dez anos de crítica literária, dedicou mais de meio século de atividade intelectual intensíssima àquilo que ele chama de a busca e o encontro da Verdade.

É preciso explicar como nasceu essa entrevista.

Conheci Alceu Amoroso Lima em 1965, quando veio a São Paulo entregar o Trófeu Juca Pato, da União Brasileira de Escritores e Folha de S. Paulo, a Cassiano Ricardo, seu sucessor como o Intelectual do Ano de 1964. Alceu tinha sido eleito com o livro *Revolução, Reação e Reforma* no ano anterior, e vinha agora passar o título ao autor de *Jeremias Sem Chorar*. Lembro ainda de seu largo gesto saudando as centenas de estudantes que se comprimiam para vê-lo no antigo salão da Folha de S. Paulo, onde era entregue o prêmio, com os dois braços levantados e as mãos juntas, apertadas, como se com esse gesto quisesse apertar a mão de cada um dos jovens que ele incontestavelmente liderava.

Tempos depois tive oportunidade de ouvir uma fita gravada por Alceu Amoroso Lima no MISE, Museu de Imagem e Som do Escritor, na sede da UBE, onde cerca de 33 fitas inéditas e realmente sensacionais estão gravadas. Fiquei assim conhecendo uma face totalmente nova do Mestre. Foi então que descobri, entre os livros de meu pai recém-falecido, um de pintores florentinos, datado de 1919, que tinha nada mais nada menos que a assinatura de Alceu Amoroso Lima, e uma quantidade de notas a lápis, de próprio punho do autor.



Criei coragem e telefonei. Foi o próprio Tristão de Athayde quem atendeu. E a entrevista "ao vivo" começou, com a explicação de Alceu Amoroso Lima:

"Eu não me lembro desse livro, mas a época confere. Eu estava em Florença, era muito moço, apaixonado por coisas de arte nesse tempo. Fazemos um acordo de cavalheiros — a senhora me manda esse livro, eu releio, e depois devolvo."

Dias depois chegou um cartão de Tristão de Athayde, escrito à mão, que começava com a mesma frase: "Façamos um acordo de cavalheiros..." Mestre Athayde mostrou-se um excelente psicólogo, pois, se eu valorizava o livro era evidentemente pelas anotações do autor. O livro foi. E em troca vieram, como presente de valor inestimável, as lembranças singelas do estudante Alceu, fatos pitorescos, em infância e mocidade, até então totalmente inéditas, e sua posição atual diante do grande dilema da Igreja.

MACHADO DE ASSIS: INTIMIDADE

Lembro de ver aquele homem muito sombrio e triste passar sozinho de tarde, assim pelas 6 horas, descendo por ali...

Machado de Assis está muito ligado à nossa infância. Minha e de minhas quatro irmãs, pois eu era o único homem. Ainda tenho, por exemplo, o original dos versos que Machado de Assis fez a meu padrinho, Antônio Martins Marinhos, que era mais íntimo amigo dele que meu pai, pra minha irmã que tinha cinco anos mais que eu, recitar no dia de meu batizado.

"Ai vão umas quadrinhas/meu caro Marinhos/prá mais querida das sobrinhas/recitar..." Versinhos assim e eu publiquei aliás em um número da revista Letras e Artes, em 1939, no centenário de Machado de Assis.

Machado de Assis morava na rua Cosme Velho, um pouco adiante da nossa casa, e passava todo dia a pé pelo nosso jardim. Minhas irmãs e eu ficávamos na grade brincando do que nós chamávamos de "motorneiro". Os cobradores do bonde usavam as notas pra fazer troco, e nós usávamos as folhas. E ele passava e brincava conosco, passava a mão por nossa cabeça, e tal. Depois eu me lembro também quando morreu a mulher dele, em 1904, de ver



aquele homem — que diziam ser um grande escritor — muito sombrio e triste, passando sozinho de tarde, assim pelas 6 horas da tarde depois do jantar ou coisa que o valha, descendo por ali. Minha infância foi a de um menino de chácara.

A casa de Machado de Assis era uma casa tipo chalé, pintada de cinzento, um chalé antigo, como os que nós importamos da Índia, e não da Suíça. Ochalé típico, tradicional, que havia no Rio de Janeiro — e em São Paulo também, eu creio. Na Índia, vê-se pelas fotografias, o mesmo tipo de teto assim, em V, e as chamadas bambinelas de madeira, e as varandas com as colunas de ferro e de madeira, muito fininhas, como era o tipo da casa de Machado de Assis. A casa não era grande, não. Era pequena, com um jardimzinho na frente. Eu nunca entrei lá dentro. Aquele jardimzinho com flores, de que ele fala no soneto à esposa morta, só o via da calçada, e o interior da casa lá dentro, com os móveis escuros, a entrada pelo lado da varanda, acompanhando um jardim onde se podia cultivar, quando muito, meia dúzia de rosas. Machado de Assis morreu ali desde 1890, mais ou menos, até morrer em 1908. Quando construíram o Colégio de Sion, botaram abaixo essa casa. Naquele tempo não havia nenhuma preocupação em preservar a casa do escritor: Meu pai, aliás, dava-se muito com Machado de Assis e juntos fundaram o Clube Beethoven.

COELHO NETO E SILVIO ROMERO

Não basta ser um grande professor na sua matéria. O principal é saber transmitir e estimular a criatividade do aluno.

Coelho Neto foi meu professor no fim do curso, no 6º ano, no Externato do Ginásio Pedro II. Foi meu professor de Literatura Brasileira e não me fez grande impressão, não. Eu tive dois professores no ginásio, quer eram duas sumidades. Mas a grande virtude do professor é a adequação com os alunos. Uma adequação entre quem ensina e quem é ensinado. Até hoje eu conservo essa experiência ligada a esses dois professores: um o Coelho Neto, Príncipe dos Poetas, e o outro o Joaquim Inácio de Almeida Lisboa, que era um matemático formado em França, talvez o maior matemático brasileiro daquele tempo. Pois bem, desses dois professores, eu guardo a pior das recordações! Porque as suas aulas passavam por cima das nossas cabeças. Nós éramos meninos, naquele tempo podia-se entrar no ginásio com 9 anos. Quer dizer — eu tinha 15 anos em 1908, ao terminar o curso de 6 anos. Esses professores eram bons pra ensinar num nível mais elevado, mas péssimos pra ensinar a meninos, porque achavam que não estávamos à altura deles e ficavam chateados conosco. E nós com eles. Enfim, esse desnivelamento entre o grande professor e os alunos é má recomendação para o ensino.

Aconteceu mais ou menos a mesma coisa com Sílvio Romero, na Faculdade de Direito, que nos ensinava Filosofia do Direito e Economia Política. Ele não dava confiança pra nos ensinar Filosofia do Direito, que sabia que não estávamos à altura de entender, mas dava confiança pra conversar conosco como homens. Quando chegou a época dos exames, Sílvio nos disse: "Olhem, vocês sabem que eu tenho aí um livrinho em que reuni essas aulas, e não me incomode que vocês copiem ou não copiem. Porque sei que vocês não sabem nada de filosofia e não têm tempo de entender nada do direto." As aulas dele, aliás, eram uma delícia, porque o que nos ensinava mesmo era sobre o Brasil. Falava sobre coisas brasileiras e aprendemos com ele mais sobre brasilidade que sobre Filosofia do Direito e Economia. Depois das provas finais, falou dirigindo-se a um dos alunos: — "Vocês me fazem perder a paciência. Eu não disse que podiam copiar o quanto quisessem? Mas copiem com inteligência! Olhe o que você fez — "Como dizíamos no capítulo anterior..."

Já o professor que apavorava a Faculdade era extremamente mediocre e se chamava Sá Vianna, professor do Direito Internacional. Era a grande barreira — quem passasse por ele estava formado. Agora, quem não atravessasse essa barreira podia marcar passo. Era pouco inteligente, mas extremamente "linha dura", já me tinham prevenido. Tinham me dito: — "Olhe, você tenha cuidado, porque ele tem sobretudo a preocupação da definição." Era a definição de Direito Internacional. Eu então, instruído por esse colega, respondi logo assim, na primeira sabatina: — "O Direito Internacional é isso assim, assim, assim..." — E ele então comentou: — "Até parece os canhões do Minas Gerais!" — O Minas Gerais era um dos coraçaos que o Brasil encomendara, e que tinham chegado ao Rio de Janeiro em 1908, por causa de nossa luta pela supremacia naval com a Argentina.

POR QUE TRISTÃO?

Houve muitas confusões com os meus pseudônimos. Tristão de Athayde existiu, sim. Coisa que eu ignorava totalmente quando adotei esse nome. Só mais tarde vim a saber que existiu um capitão das conquistas da Índia chamado Tristão de Athayde, e que era o pior dos chantagistas!

Iniciei a coluna literária de O Jornal em 1919. Encontrei por acaso o Renato Lopes, e ele me disse: "Alceu, vou fundar um jornal, e vou dar o nome de O Jornal. Eu me lembro que, quando disse isso a meu pai, ele ficou danado da vida: — "O Jornal, no Brasil, é o Jornal do Comércio. Como é que esse rapaz tem o topete de fazer um jornal com esse nome? Eu disse: — "Papai, é exatamente isso. Ele quer desafiar O Jornal do Comércio, pois saiu de lá porque desentendeu-se com o Félix Pacheco..." — E meu pai indignado: "Que desafiar O Jornal do Comércio que nada, ele não vai conseguir isso!"

Então fui convidado pra fazer crítica literária. E respondo: "Mas Renato, nunca na minha vida escrevi, assim, sistematicamente! Escrevi esporadicamente, uns artigos pra revista da escola, A Época, uns contos, umas poesias, como todo mundo... Não sou jornalista." E ele me respondeu: "Justamente eu quero fazer jornal com gente que não seja jornalista, que não seja do meio literário, gente de fora."

Mas meu pai, apesar de todas as veleidades artísticas que tinha, musicais e tal, era diretor e fundador de uma Companhia. E naquele tempo fazer literatura e ser diretor de uma Companhia era um escândalo. Depois, Augusto Frederico Schmidt foi ser homem de negócios, sendo um grande poeta, e o Marques Rebelo era um grande romancista, embora comerciante. E a coisa se tornou comum. Mas naquele tempo, quando eu contei isso a meu pai, que era um homem prático, ele me disse: "Está muito bem, mas eu acho muito difícil que você, com o seu nome, vá fazer literatura, quando acaba de entrar pra uma empresa. Isso vai ser mal visto, você sabe como são os bancos com essa coisa de poeta..." Então propus: "E se eu adotar um pseudônimo?"

E adotei, por esse motivo, e para me sentir independente. Naquele tempo eu já fazia lá uns sonetos estava noivo, sabe como é, isso estimula essa coisa de poesia — e assinava esses sonetos com o pseudônimo de Vasco de Athayde. Então pensei: se eu boto Vasco de Athayde, vão descobrir que sou eu que andei fazendo essas bobagens desses sonetos. Preciso arranjar um outro pseudônimo. E arranjei Tristão de Athayde. Mas Tristão de Athayde existiu, coisa que eu ignorava totalmente. Só mais tarde vim a saber que existiu um capitão das conquistas da Índia, chamado Tristão de Athayde, e que era o pior dos chantagistas!

Há muitos episódios com essa história de Tristão e Alceu, uma trapalhada! Passado um ano, mais ou menos, que toda semana eu fazia a minha crítica literária — e eu tomava a sério mesmo — perguntei ao Renato: "Será que eu não podia também escrever umas crônicas das coisas, dos acontecimentos? E ele disse: "Pode fazer, sim". Resolvi arranjar outro pseudônimo. Então inventei Fernando Telles. E comecei a fazer umas coisinhas menores, assim tipo crônica dos acontecimentos do dia, e tal. Passados uns dois meses, o Renato me contou que um dos seus companheiros, um cearense que foi presidente da Câmara e era um dos diretores do jornal, o João Lopes, um sujeito muito interessante, vivo e inteligente, saindo com ele para uma reunião, disse: "Quem é esse tal Fernando Telles que anda assinando umas crônicas, aí, agora?"

O Renato respondeu: "E um amigo meu que pediu pra escrever no jornal. Que você acha do que ele faz?" O J.L. respondeu: "São umas porcarias! Você precisa ter mais cuidado com as pessoas que convida pra colaborar no nosso jornal. São umas coisas sem graça nenhuma, uma porcaria!" O Renato então perguntou: "O João, o que acha você do Tristão?" Ele respondeu: "O Tristão? Mas isso é vinho de outra pipa!" Pois a pipa era a mesma!

LITERATURA EM PERIGO?

Meu temperamento? Tenho um temperamento literário, democrático e aberto. Acho que pode haver coexistência e bom entendimento entre pessoas de ideologias diferentes, dentro de um plano de convicções e de filosofia da vida. Sou absolutamente contrário à polêmica. Acho que a polêmica é um gênero secundário, contraproducente, de modo que acho que cada um deve dizer o que pensa e respeitar a opinião do outro.

A literatura vai resistir aos outros meios de comunicação. Ela é perene e universal...

Os meios de comunicação são apenas instrumentos para que a literatura, no sentido de expressão da criatividade humana, se sirva deles. Nesse sentido a literatura é perene e ultrapassará todos os métodos e todas as tendências políticas.

Que nós não tenhamos a preocupação de sermos nem brasileiros, nem internacionais, nem universais. A literatura no plano universal só vem da genialidade criadora. Mistral, por exemplo, pensou a vida inteira só na sua província, e foi universal porque tinha gênio criador.

NOBEL SEM ROSA

O Prêmio Nobel? Depois que Guimarães Rosa morreu... ...creio que Jorge Amado é o escritor brasileiro, no momento, que tem mais condições de conquistar esse prêmio. Não só porque

ele tem realmente uma obra romanesca considerável e deixou ultimamente seu sectarismo político por uma enorme criatividade literária, como pelo fato de ser muito traduzido, e é o mais conhecido escritor brasileiro fora do país. Agora, como poeta é Carlos Drummond de Andrade, que pra mim é o supra-sumo da criatividade literária. Carlos Drummond de Andrade, pra mim, é quem merecia o Prêmio Nobel.

IGREJA ATIVA E PRESENTE

A igreja deve ser sempre jovem, ativa e presente, como o maior fermento do mundo, colocando-se no curso da história e não à sua margem, como simples expectadora dos acontecimentos.

A posição que, atualmente está produzindo no seio da Igreja, um mal-estar que alguns consideram como uma prova de decadência, é a de subestimar ou mesmo condenar a importância do Concílio Vaticano II. Essa posição está sendo denominada *integrismo*, segundo uma expressão que vem dos tempos de Bento XV e foi atualmente atualizada, em uma famosa pastoral do Cardeal Suhard, Arcebispo de Paris, denominada: - "Essor ou déclin de l'Église". Foi Bento XV quem condenou esse esboço de heresia, ao advertir do perigo que havia no fato de certos grupos católicos se auto-proclamarem Católicos Integrais, classificando com isso de católicos parciais os que não participassem desse grupo farisaico. O integrismo, tal como é hoje praticado, embora rejeitando esse qualificativo, vem sendo representado ou simbolizado pela figura e pela atuação de um bispo francês, Monsenhor Lefèvre, que está sendo o tormento dos anos finais do pontificado de Paulo VI. O problema, porém, não é de uma pessoa, nem mesmo de uma doutrina, e sim de um estado de espírito. E esse estado de espírito no momento pode ser representado por uma dupla atitude de subestimar ou rejeitar os documentos emanados do Concílio Vati-

cano II ou a de criticar as atitudes de Paulo VI, que aprovou todas as conclusões do Concílio, atacando inclusive a orientação de suas relações com os atuais acontecimentos da História, sobretudo em seus contatos apostólicos com os países socialistas. Aliás, uma atitude deriva da outra. Rejeitar ou subestimar as conclusões do Concílio, todas aprovadas pelo Papa, é renegar ou diminuir consideravelmente a própria autoridade do Papa. Para evitar, portanto, esse perigo de cisma, semelhante a outro na vida da Igreja, é mister no momento, antes de tudo, considerar o Papa e o Concílio como hierarquicamente complementares. Para quem deseja conservar-se integrado no seio do Povo de Deus, como a Igreja denominou o Concílio, não pode ou antes não deve, nem fugir à letra e ao espírito das decisões conciliares, nem divergir do modo como o Sumo Pontífice está pondo em prática suas decisões.

O integrismo, que assume uma atitude de radical tradicionalismo, é pois uma atitude nitidamente divisionista, que, sob a aparência de defender a ortodoxia católica, está ameaçando a igreja de uma ruptura, que só a vigilância do Sumo Pontífice pode evitar a tempo.

É perfeitamente legítima e até necessária, para a vida ativa e contemplativa da Igreja, a existência, no seio dos fiéis, de uma dupla tendência: a dos renovadores e a dos conservadores. A dos que se voltam principalmente para o passado, embora sem rejeitar o futuro. Sempre que uma dessas tendências se coloca em antagonismo com a outra surge o perigo de rupturas, que podem transformar-se em cismas ou heresias.

Não é segredo algum que eu me coloco ostensiva e conscientemente entre os renovadores, que querem atualizar a igreja, e se voltam principalmente para o futuro, sem recusar o passado.

Sou dos que julgam que as clamadas inovações, introduzidas pelo Vaticano II, representam uma vitalização da Igreja, um agiordamento - como disse João XXIII - exigido por sua própria natureza de ser a expressão do Eterno em cada momento do Tempo. Como as águas que passam sobre os rios que ficam.

Se é a isso que chamam de progressismo, como dizem com desdém o integristas, muito me honro de ser progressista, para não cair no passadismo e no anacronismo.

Ensaio Universitário

Se você é estudante e tem um ensaio literário guardado na gaveta, não perca tempo, envie-o à Escrita.

Mande trabalhos de até 450 linhas, datilografadas em papel ofício, com nome completo, pseudônimo, endereço, nº do CPF, nº da carteira de identidade com indicação do órgão que a emitiu e cinco linhas com informações sobre a Universidade em que estuda, sobre seus professores, etc.

Também aceitamos ensaios feitos em equipe.

Os trabalhos serão selecionados por Antônio Dimas, professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo, que é o responsável pela seção. Os melhores serão publicados na Escrita e, em princípio, remunerados com uma assinatura anual da revista.

Sindicalismo

é o tema de Escrita/Ensaio 4

Em março nas bancas e livrarias



CONTRA AS CONVENÇÕES

"Há o animal cujos valores pessoais coincidem com os valores convencionais: é um vitorioso. Há o animal cujos valores pessoais estão em conflito com os valores convencionais: é um angustiado. Suicida-se, ou escreve um livro sobre a angústia".

Esta magistral proposição de Samuel Ramey poderia aplicar-se com relativa facilidade a qualquer escritor sintonizado com o sofrimento humano, ou com o seu próprio "mal-estar-no mundo". Em se tratando de Edilberto Coutinho, entretanto, a frase ajusta-se à perfeição: "Escrevo porque não sei viver sem isso", diz ele, comparando a literatura a uma doença que toma conta do organismo "e obriga o desgraçado a escrever".

Neste seu terceiro livro de contos (os dois primeiros, publicados em Recife quando o autor mal passava dos vinte anos, foram bem recebidos pela crítica; apesar disso, Edilberto confessa que preferia vê-los esquecidos: "esses livros adolescentes...") — *Um Negro Vai à Forra* — é o autor que se volta contra a opressão, o desamparo e a angústia a que estão submetidos os homens. Sua arma, como diz Antonio Houaiss, é um uso muito especial da linguagem "Por ser tão enxuto de língua e tão fidedigno de caracteres, Edilberto Coutinho consegue singularizar-se tão notavelmente entre os 100 mil contistas brasileiros de hoje, que sua posição é seguramente entre os primeiríssimos deles...".

De fato, os doze contos que compõem este volume (alguns já publicados em antologias ou revistas literárias) revelam — ou reitem, para quem já conhecia "Onda Boiadeira e Outros Contos" e "Contos - II" — uma enorme sensibilidade e um profundo conhecimento da psicologia do brasileiro contemporâneo. Em monólogos interiores, entremeados por discursos indiretos e simples narrativas, Edilberto Coutinho sofre com seus personagens neuróticos e desajustados ("Ernesto, Ernestina"); revolta-se contra a violência indesculpável das forças de repressão ("A Luta Continua"), mesmo que sutilmente encoberta por sofisticados "climas" mafiosos ("F", "D", "P2/Tarefas"); desvela surpreendente ternura nas duas memórias de infância ("Nove Anos" e "Daniel") e, de uma maneira geral, manipula com maestria temas eróticos e/ou sexuais, usando uma linguagem tão crua quanto pura, em sua carga significativa. Isto ocorre particularmente nos contos "O Último Dia" e "Ernesto, Ernestina".

Os valores pessoais de Edilberto Coutinho estão decididamente em conflito com diversos valores convencionais. Por esta razão ele escreve, e seguramente irá de encontro aos valores de todos os leitores que optaram pela conscientização (ao invés do suicídio) como uma forma de luta contra todos os tipos de opressão: da angústia individual à ansiedade coletiva. Bem ao contrário, aliás, do que ocorre com um personagem de *O Último Dia*, que (...) "algum tempo depois entrou em estado de indiferença e adormeceu, ou melhor se desintressou, ou seja, morreu experimentalmente". (Moderna, 92 pgs.)

Vitor Szejder

INGLÊS À BRASILEIRA

Fico pensando, porque os filmes de cowboy ainda insistem! Parece incrível, depois de tantos anos, que as mesmas histórias repetidas ainda consigam agradar tanto ao público. A razão deve ser pescada nos abismos antropológicos do ser humano — seara do Dr. Jung — o bicho-homem teme desespera-

Livros

damente o desconhecido. E isso se manifesta com a reação oposta, procurando nas situações já definidas, bem suas conhecidas e portanto já anteriormente controladas, aquele relaxamento e bem-estar que devem proporcionar os momentos de lazer. Portanto, o repetido sempre agrada, ao passo que tudo o que é novo inspira desconfinança.

É fácil notar isso nos recursos usados pela propaganda: quando se quer que um produto seja aceito rapidamente, utilizam-se conotações que o liguem a outro produto ou coisa similar, de já comprovado sucesso. Isso causa um efeito de déjà vu. Portanto está estabelecido que o terreno conhecido predispõe à aceitação. Posto isso, aparece agora o outro lado do problema: o de encontrar, dentro do comum e do óbvio, a variação e a novidade suficientes para manter viva a chama do interesse e evitar o desgaste e o enfado. Renovar a partir do repetido, descobrir dentro do conhecido. Ouso dizer que é preciso certa dose de genialidade para conseguir o original dentro da repetição.

Venho vindo por um caminho longo, mas chego lá. É que eu peguei o bicho pela cauda. Agora vejamos o que tem na outra ponta: o produto aqui é o livro e, diga-se de passagem, já não está entre "os dez mais"! É sabido por tantos quantos lutam por esse material utópico o quanto é difícil disputar o interesse geral — tão disperso e fragmentado — para essa categoria de produto.

O romance policial tem, como os filmes de cowboy, a vantagem de uma série de técnicas e situações que lhes são próprias e inerentes, e que o colocam na categoria de fácil digestão. Assim, morram quantos personagens morrerem, não agride o leitor abalando suas "estruturas de suporte", acordando seus terrores ancestrais e inconscientes. As mortes são predeterminedas pela própria categoria do assunto, há um tácito acordo entre leitores e vítimas, no sentido de que essas últimas têm que morrer para que os primeiros se sintam inteligentes decifrando o enigma — o que eles sempre conseguem, basta ler o livro até o fim — e se sintam realizados prendendo o assassino através de seu detetive ou herói predileto.

É sintomático que, para abalar realmente as estruturas do público, esteja-se voltando ultimamente ao terror primitivo "catástrofe-animal" — esse realmente com origem ancestral e inconsciente. O público odeia, mas reage (Tubarões e adjacências).

Toda essa volta para chegar no ponto: — a original e ousada idéia de um escritor brasileiro — perito em literatura policial — de reconstituir, a partir de três conhecidos e consumidos seriados policiais, com seus personagens super-populares — os de Conan Doyle, Agatha Christie e Dorothy L. Sayers — as aventuras, dentro do que seria o espírito de cada um desses autores, mas com "aquele" ingrediente que fermenta o produto novo, aquele molho que recria o antigo e o transforma em sabores surpresa. No caso, Medeiros e Albuquerque utiliza como focos da história não os personagens principais dos seriados, mas seus auxiliares que aqui vêm se redimir e justificar, pelo fato de sempre terem sido "passados pra trás". Assim, não são Sherlock Holmes, Hércule Poirot, ou Lord Peter Winsey quem decifram os mistérios e desvendam os casos, mas Dr. Watson, o Capitão Hasting e Mervyn Bunter, que vêm com isso protestar contra a imagem de "paspalhos inveterados", que lhes foi sempre atribuída. E a partir daí entra o autor com sua própria habilidade e

uma dose inegável de maestria, com três histórias bem urdidas e de técnica impecável. Mas o importante realmente nessas histórias é que através delas o autor faz um estudo em profundidade do caráter dos famosos personagens, desmitifica os heróis, satiriza o romance tradicional inglês e ainda se dá ao luxo de algumas finas ironias, como Poirot, encantado diante do quadro de um pintor inglês aconselhando o cap. Hasting a na falta de dinheiro para adquirir um daqueles, vender seu original daquele espanhol horrível — "Como é mesmo o nome dele? Picasso, se não me engano" — e comprar duas reproduções do pintor em questão. Ou o próprio Poirot (vaídosíssimo) criticando o exibicionismo de Sherlock Holmes e caçando de seu método de se arrastar com lente atrás de pegadas. O mesmo Holmes é dissecado impietosamente pelo Dr. Watson, que aponta suas fraquezas e falhas de caráter, defeitos esses que se acham implícitos nas próprias histórias de Conan Doyle. Dos três personagens, o menos conhecido entretanto é Lord Peter, o que dificulta para nós, que pouco sabemos dele, a avaliação do trabalho do autor brasileiro.

O que se pode dizer aos leitores em potencial dessas três histórias policiais de *Uma Idéia do Doutor Watson*, "Elementar, meu caro Holmes", "Assassinos em Profusão" e "O Caso da Caderneta Preta", é que além de um puro e agradável entretenimento, são "telas" que os próprios Mestres assinariam sem constrangimento.

E ao autor, cabe apenas uma frase: "Nada elementar, meu caro Paulo!" (Globo, 195 pgs.)

Stella Carr

TERNURA DEMAIS

Os contos de *Raízes da Morte* são descritos minuciosamente. O autor é sem dúvida um bom observador e não se cansa de nos convidar a longos passeios pelas cozinhas, salas e outras dependências das casas onde moram seus personagens. A linguagem empregada é bastante sóbria. Em todos os episódios não encontramos metáforas, ao contrário, apenas a objetividade sem brilho. Outra característica de Murilo Carvalho é carregar de ternura o "homem do povo". Realmente não encontramos nos seus textos o oprimido-padrão que frequenta a literatura brasileira atual. Isto é reconfortante. Mas surpreendentemente encontramos pessoas mal nutridas e sacaneadas cheias de ternura. Sem violências, sem paixões. Um povo manso e bom. O que nos leva a intuir uma visão um tanto populista do autor.

Tentando encontrar a razão da sensação de acalanto que o livro me provoca, escolhi uma página ao acaso, a 36, e tive a surpresa de encontrar 17 palavras escritas no diminutivo, "afluentezinho", "barranquinho", "comida de forninho", etc. É ternura demais.

O mundo interno de suas personagens é tão pacato quanto o ambiente onde acontecem seus contos. Suas emoções são só vagamente tateadas, não parecendo existir maior preocupação do autor em vasculhar mais a intimidade de suas criaturas, exceção feita ao último conto do livro, "Juízo Final", sem dúvida o melhor de todos, bem mais elaborado.

As histórias se passam em pequenas cidades interioranas, cheias da sua natural monotonia. Aliás descritas corretamente, o que, infelizmente, não basta para tornar "Raízes da Morte" um representante da "literatura capaz de tocar fundo na gente", como desejaria o autor. (Ática, 88 pgs.)

Alida Ionescu

- A Editora Paz e Terra publicará em livro as principais reportagens de Antonio Callado feitas para a imprensa brasileira. No primeiro volume, "Vietnã do Norte. Advertência aos Agressores" e "O Esqueleto da Lagoa Negra".

- "Liberté 3 - Négritude et Civilization" é o terceiro volume de textos não-poéticos de Léopold Senghor, publicado pela Editora Seuil. No livro o presidente do Senegal defende mais uma vez a idéia de uma cultura negra incrustada na civilização ocidental.

- Lo Squadrone della Morte é o título em italiano do livro de Hélio Bicudo, traduzido e lançado na Itália pela Editora Borla.

- Elias José, contista mineiro da nova geração, foi o ganhador do Prêmio para Estudo de Redação, organizado pelo MEC, com o trabalho "Redação Escolar: Análise, Síntese, Extrapolação".

- A Editora Lunardelli, de Florianópolis, organizou a 1ª Semana do Sebo, onde foram vendidos milhares de livros novos, antigos, raros e esgotados.

- Chasqui, revista mensal de literatura latino-americana, editada nos EUA, publica em seu nº 3 (maio de 77) poemas do brasileiro Carlos AA de Sá.

- O embaixador do Brasil na Argentina, sr. Cláudio Garcia de Sousa, acaba de assinar contrato com a Editora Calicanto para a publicação de uma coleção de poesia brasileira. Essa coleção será lançada trimestralmente em edição bilingüe de 30.000 exemplares e fará parte da série "Calicanto" de narrativa e ensaio. Segundo o embaixador, a coleção "será publicada, inicialmente, em duas etapas: a) "Antologia de Poesia Contemporânea" (1920-77) e b) Série de Antologias de Murilo Mendes, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Futuramente, concentraremos o trabalho nos poetas contemporâneos."

- Já saíram os resultados do Concurso de Literatura Cidade de Belo Horizonte, instituído pela Prefeitura Municipal daquela cidade através da Secretaria de Cultura. Os vencedores foram Libério Neves com "Força de Gravidade em Terra de Vegetação Rasteira" e Luiz Fernando Emediato com "A Rebelião dos Mortos". Ambos os autores receberam um prêmio de Cr\$ 25 mil cada um e terão suas obras publicadas brevemente.

- A Academia Pernambucana de Letras entregou os prêmios Leda de Carvalho e Othon Bezerra de Melo, no valor de Cr\$ 30 mil cada, a quatro escritores. O prêmio Leda de Carvalho coube a Mário Souto Maior, com "Território de Danação", a Fernando Cruz Gouveia com "Oliveira Lima, uma Biografia", e a Marília Pessoa Monteiro, com "Mitos e Preconceitos do Brasil do Século XIX". Everaldo Moreira Veras, engenheiro do Banco do Brasil, desconhecido nos meios literários, foi o vencedor do prêmio Othon Bezerra de Melo com o livro "Menino dos Óculos de Aro de Metal".

- A Editora Vanguarda resolveu formar um clube do livro para ajudar o autor inédito brasileiro. A idéia está dando certo porque não existem os problemas costumeiros com a distribuição nem com as grana e tiragens, além de dar maior liberdade na escolha dos autores. Se você quiser se associar ao clube basta preencher uma ficha de inscrição com o seu nome, endereço, CEP, cheque no valor e o nome do livro escolhido. Remeta-a, então, para a rua Teixeira e Souza 200, CEP 05003. A anuidade é de Cr\$ 450,00 a vista ou Cr\$ 250,00 em duas parcelas (a primeira no ato da inscrição e a segunda três meses mais tarde). Durante 12 meses você recebe 10 livros inéditos entregues em casa sem quaisquer despesas adicionais.

- A Gazeta Mercantil elaborou uma edi-



INFORMAÇÃO

ção especial de Natal com o objetivo de orientar os leitores na escolha de livros como alternativa para presente. O suplemento procurou oferecer a mais variada gama de assuntos - ficção, teatro, arte, sociologia, educação, etc. - inclusive com as recomendações de leitores importantes de todas as camadas sociais do país.

- O Correio do Povo, de Porto Alegre, dedicou o seu Caderno de Sábado de 3/12/77 ao problema da literatura infantil nos dias de hoje. Os ensaios, feitos por conceituados professores e escritores brasileiros, tentaram abranger todos os problemas e aspectos da literatura infantil no nosso país, focalizando principalmente a obra pioneira de Monteiro Lobato.

- Preocupados com a situação do escritor norte-americano, que também sofre marginalização por parte das editoras, Ronald Suenick, Jonathan Baumbach, B.H. Friedman e Peter Spielberg, entre outros, decidiram fundar a Fiction Collective para iniciar a edição de seus próprios livros e de outros escritores considerados "malditos". A diferença dessa editora de autores para as outras está no método: o autor acompanha e participa de todas as fases desde a publicação até a distribuição. A imprensa americana entusiasmou-se com a idéia considerando-a a única solução para acabar com as injustiças e apontar novos caminhos para a literatura.

- Atendendo ao apelo do Governo para superar a crise econômica, os imortais espanhóis decidiram suprimir seu tradicional almoço de fim de ano.

- Trinta livreiros de Madri resolveram se unir em protesto contra mais um atentado às livrarias - desta vez a Tarântula. Há a possibilidade de abertura de um crédito para cobrir os prejuízos ou de criação um seguro contra atentados.

- Foi criada em Belo Horizonte uma revista dedicada exclusivamente à publicação de poemas: Poesia. Apesar do mercado editorial brasileiro não permitir, de modo geral, investimentos dessa natureza, a revista já está no seu 3º número. Poesia aceita colaboração. É só enviar os trabalhos para a Rua Padre Rolim, 384, Belo Horizonte. Ela não remunera seus colaboradores, mas oferece um prêmio de Cr\$ 50 mil ao melhor poeta publicado durante o ano.

- A África do Sul proibiu a obra "Magersfontein, o Magersfontein", de Ethiene Leroux, considerada como "a mais importante sátira em língua africãnder". A classe intelectual sul-africana está indignada com esse atentado à liberdade de expressão.

- No mês de dezembro foi realizado um Ciclo de Literatura Brasileira, organizado pela Comissão de Literatura do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas da Secretaria de Cultura e Ciência e Tecnologia em colaboração com a União Brasileira de Escritores. O ciclo contou com a participação de Nelly Novaes Coelho, Mário Chamie, Alcides Celso Villaça, Ricardo Ramos e Lygia Fagundes Telles.

- Segundo o Jornal do Brasil, The Authors Guild - sociedade que reúne cinco mil escritores profissionais norte-americanos - promoveu pesquisas e reuniões com o fito de conhecer as aspirações dos autores americanos em relação principalmente à questão editorial. Conclusões: foram considerados arcaicos os termos dos contratos assinados com as editoras, que diminuem as vantagens da publicação de suas obras; as edições normais, as de bolso e os clubes de livros, apesar de aumentarem a tiragem de suas obras, não oferecem ao autor vantagens monetárias, daí a decisão de lutarem para que não se assinem mais contratos desse tipo. Outras decisões: a modificação das leis do direito autoral, que data de 1909; aumentou-se o prazo para 50 anos, pelo qual a obra não pode se tornar de domínio público e proibiram-se os contratos a longo termo entre autores e editores e a divulgação pelo rádio e TV das obras literárias, sem o consentimento do autor.

- De acordo com reportagem do Jornal do Brasil, o Sindicato Nacional dos Editores da França, em pesquisas realizadas junto a 386 editoras, concluiu que os franceses têm mais em período de crise. Segundo a pesquisa, o número de títulos publicados em 76 foi maior que em 75, o mesmo acontecendo com as tiragens. Os gêneros preferidos foram assuntos gerais, livros infanto-juvenis e didáticos. Nos livros de tiragem média, os gêneros preferidos foram turismo, literatura de ficção e história em quadrinhos. Ainda segundo a reportagem, Paris é o centro editorial da França mas sofre uma falta tremenda de impressores. Devido aos altos custos de produção, os editores recorrem a impressores de fora: em 76, 13% dos livros franceses foram impressos no exterior.

- A revista chilena Nueva Linea em seu número 4 apresenta ensaios, contos e poesia. Segundo o editorial, a revista, "além de dar a conhecer os novos valores que se preparam para vencer um tempo que vai se tornando cada vez mais árido para as expressões espirituais, também tratará de dar um pouco de luz a alguns verdadeiros grandes poetas que permanecem ocultos (...)" Por outro lado, Nueva Linea está promovendo uma campanha do livro e por isso solicita a todos os escritores nacionais ou estrangeiros que enviem seus livros e revistas para a formação de bibliotecas populares. O endereço é: Francisco Medina Cardenas / Casilla 16.346 - Stgo 9 - Santiago - Chile.

- A Avon Cosméticos patrocinou o Concurso de Contos Paulo B. Warner para todos os seus funcionários e editou uma antologia com os cinco trabalhos premiados. Segundo Ricardo Ramos, um dos membros do júri: "se a presença de 57 concorrentes impressionou o júri, por exceder à expectativa mais otimista, a qualidade dos contos inscritos foi uma surpresa não menos agradável. Os dez trabalhos finalistas, em particular, ofereceram um padrão que se poderia reconhecer como profissional, ou seja, pertencente a verdadeiros escritores". Outra surpresa foi a maciça presença feminina: os dois primeiros lugares e as duas menções honrosas foram concedidas a mulheres. Eis os vencedores: 1º lugar, "O Guardador de Sonhos", de Therezinha Rodrigues Leiras; 2º lugar, "Viaduto", de Anaclena Lima Ramos; 3º lugar, "A Rotina de Manuela", de



Dyonísio da Silva. Menções honrosas a "O Estalo", de Maria Bosco, e "Chaplinado", de Maria de Lourdes Lima de Macedo.

- A Academia Teresopolitana de Letras está oferecendo um prêmio ao melhor ensaio crítico sobre "A Contribuição de José de Alencar para uma Expressão Brasileira". Os ensaios devem ser inéditos. As inscrições vão até o dia 30 de maio. Endereço: CP 152 - Teresópolis - RJ.

- Diversas obras de autores brasileiros serão publicadas na Europa. Dentre elas: "Polícarpo Quaresma" de Lima Barreto, pela Rex Coolings, de Londres; "A Aranha", de Clarice Lispector, pela Corregidor, de Buenos Aires; "Memórias do Cárcere", de Graciliano Ramos, pela Peter Owen, de Londres; e "Os que Bebem como Cães" e "O Aprendizado da Morte", de Assis Brasil, na Alemanha.

- Ainda segundo o Jornal do Brasil, há em todo o Brasil menos de 1800 lugares onde se pode comprar um livro, e destes mais de mil estão no eixo São Paulo-Rio. Esses dados foram tirados do Guia dos Editores das Livrarias e Pontos de Venda do Livro no Brasil, 2ª edição do SNEL - Sociedade Nacional dos Editores de Livro. A situação é decepcionante senão drástica, chegando ao cúmulo de alguns estados possuírem menos de dez livrarias e alguns territórios - passem - apenas uma!

- A promoção de natal feita pelo Shopping Center Iguatemi em São Paulo, que distribuiu gratuitamente livros da Editora Record aos fregueses que fizeram compras superiores a 100 cruzeiros, deixou preocupados e indignados os livreiros da cidade, segundo nota da Folha de S. Paulo. A Câmara Brasileira do Livro manifestou seu repúdio à atitude da editora em questão, porque sua ação contribuiria para a extinção das livrarias, além de demonstrar "uma falta de ética impressionante", segundo seu presidente.

- Poetas bissexto é como se define um grupo de autores que fundou em Minas uma publicação "sui generis": Poesia Livre. Ela vem acondicionada em saquinhos de papel e é vendida nas ruas e praças de Ouro Preto.

- Os ingleses são os maiores leitores entre os europeus, é o que prova pesquisa recente. Isso se deve à facilidade das redes de bibliotecas públicas espalhadas pelo país, ao baixo custo dos livros de bolso, encontráveis em qualquer lugar, e também das ofertas feitas por mais de 30 clubes de livros. Outro dado significativo: são abertas, em média, 15 novas livrarias por mês na Inglaterra.

- Alejo Carpentier recebeu o Prêmio Miguel de Cervantes Saavedra 77, um dos maiores prêmios da Espanha.

- Foi concedido ao poeta alemão Peter Huchet o Prêmio Europalia. Huchet dirigiu uma revista de literatura que foi fechada pelo governo da Alemanha Oriental em 1962, sob a alegação de que ela defendia idéias contra a ortodoxia comunista. O poeta foi expulso em 1971.

- O Sindicato Nacional dos Livreiros e Editores e a Câmara Brasileira do Livro farão um estudo sobre as recomendações aprovadas no 8º Encontro de Editores e Livreiros, realizado em São Lourenço, MG, de 1º a 3 de dezembro deste ano (1977). Entre as recomendações estão: elaboração de um estudo completo das relações empresa privada e Estado, realização de pesquisas para avaliar a eficácia dos livros e bibliotecas e corrigir as possíveis falhas, e envio ao Ministério da Educação e Cultura, Ministério da Indústria e do Comércio, Ministério do Planejamento, Ministério da Fazenda, Senado e Câmara, de um documento que demonstra a situação econômica da ati-

vidade face à política "paternalista" de hoje.

- O poeta norte-americano Carl Sandburg, falecido em 1967, foi alvo de várias homenagens no mês de dezembro nos EUA. Outro homenageado, desta vez na Inglaterra, foi Thomas Hardy, morto em 1928.

- Foi promulgada uma lei que institui o Dia do Poeta a ser comemorado no dia 4 de outubro.

- Mário Quintana, poeta gaúcho, ganhou o processo que moveu contra o cineasta Antônio Jesus Pfeil por invasão de domicílio. O cineasta fazia uma reportagem por ocasião do aniversário (70 anos) do autor e, depois de algumas externas, alegando ter esquecido alguma coisa no hotel onde mora Quintana, voltou, realizando então algumas filmagens, sem o seu consentimento. Quintana tentou recuperar o filme e, não o conseguindo, entrou na Justiça com uma ação contra o cineasta. Vitorioso em primeira instância, conseguiu ainda que o juiz mandasse sequestrar o filme, ficando estabelecida uma multa de mil cruzeiros diários, enquanto a película não for entregue. Segundo Quintana, sua habitação é "um reduto inviolável na pouca intimidade que resta a um homem público".

- Promovido pela revista paulista, o Prêmio Status de Literatura Brasileira 1978 vai dar a maior importância paga a um único autor, Cr\$ 150 mil. O júri será composto por Gilberto Mansur - também diretor de revista - Antônio Houaiss e Ferreira Gullar. Os contos - um ou mais um, mas inéditos - devem ter i máximo 50 laudas datilografadas de 20 linhas cada. O prazo de inscrição se encerra no dia 10 de maio. Os originais, em três vias, devem ser enviados para: Prêmio Status de Literatura Brasileira 1978 - Editora Três, avenida Paulista, 2006, 15º andar, CEP 01310, São Paulo, SP. Os trabalhos devem ser assinados com pseudônimo e não serão devolvidos. Para os que nunca publicaram qualquer obra, Status promove o 3º Concurso Nacional de Contos Eróticos. Os prêmios: 1º lugar - Cr\$ 25 mil, 2º lugar - Cr\$ 15 mil, 3º lugar - 10 mil. Os três primeiros vencedores serão publicados na revista. Os trabalhos devem ter no máximo 30 laudas datilografadas, de 20 linhas cada uma, sendo assinados com pseudônimo. O prazo de inscrição vai até o dia 10 de maio. Os trabalhos devem ser enviados para o 3º Concurso Nacional de Contos Eróticos, no endereço acima.

IMPrensa NANICA por Cecília Bonamine

- Uai - um jornal bem mineiro - é um tablóide editado em Alfenas por Domingos Abreu Miranda. Em seu número 3 traz matérias sobre os mais variados assuntos, desde a poesia alfenense até o salário-mínimo. O endereço é rua Gal. Carneiro, 201 - 37.130 - Alfenas - MG.

- O número 144 do tablóide Nova Geração, editado no Paraná por Edílio Ferreira, traz, entre várias outras matérias, uma reportagem sobre a Constituição e um ensaio sobre a influência da propaganda. Endereço: rua Leonardo Perna, 17 - Toledo - Paraná.

- Humor Sangrento é mais uma publicação que procura divulgar o humor nacional. É editado no Piauí por Cineas Santos, que diz na apresentação: "É certo que fazer humor não é das atividades mais gratificantes, pelo menos no Brasil, onde o humorista tem bastante importância para ser preso e nenhuma para ser solto, segundo Millôr Fernandes". O endereço é rua Simplicio Mendes, 867 - Sul - Teresina - PI.

- Perspectiva Universitária é uma publicação quinzenal editada pelo CEDAU - Centro de Divulgação de Assuntos Universitários, da Fundação Mudes do Rio de Janeiro. A publicação, distribuída, gratuitamente, informa sobre cursos, bolsas, vestibulares, além de apresentar uma resenha de livros.

- Oi Eu Aqui é a mais nova publicação mimeografada do Rio de Janeiro. Segundo seu editor, Alfredo Costa, a revista "tem por finalidade reunir pessoas em torno de um mesmo objetivo literário e estimular a continuação do ato criativo". Seu número 1 traz alguns contos e muita poesia.

- A Editora Nossa, a mesma que publica Humor Sangrento, é a responsável pelo Ó de Casa, publicação marginal que agrupa vários contistas inéditos. Diz Cineas Santos na apresentação: "Dispensamos o rótulo de contistas marginais porque nos pareceu redundante: somos povo brasileiro. Precisa dizer mais?"

- Valentão é uma publicação do Instituto Valée S.A. Produtos Veterinários de Uberlândia, MG, que, além de conter matérias de interesse para veterinários, traz contos e poesias. Aceita colaborações dos leitores. Endereço: caixa postal 473 - Uberlândia - MG.

- Outra publicação mimeografada editada no Rio de Janeiro é Desafio. Seu 1º número é dedicado à poesia. O editor José Antonio Carvalho diz na apresentação: "Desafio depende exclusivamente do leitor, por isso: leia, divulgue, empreste o seu exemplar a amigos, faça-o circular". Aceita colaborações. Endereço: rua Jorge Nascimento Silva, 301 - Bloco F, apto. 201 - Pilares - 20.000 - Rio de Janeiro - RJ.

- Abertura, publicação do MIL - Movimento de Iniciação Literária - editado pela UPES - União Paranaense dos Estudantes de 1º e 2º Graus - já está no seu 2º número. Publica trabalhos em poesia e prosa de estudantes.

- O número 6 da revista Cultura Contemporânea, publicação bem cuidada da Editora Cultura Contemporânea, traz, entre outras matérias, entrevista exclusiva com João Antônio, ficção com Moacyr Seliar e Caio Fernando Abreu e um ensaio sobre a literatura marginal, de Sérgio Ribeiro Rosa. A revista aceita colaborações e ilustrações, que, caso publicadas, serão remuneradas. Endereço: rua Ramiro Barcelos, 605 - 90.000 - Porto Alegre - RS.

- O Semeador de Poemotes é o nome de um "livrote" (como diz o próprio autor) de Eno Teodoro Wanke. Edição mimeografada. Endereço do autor: rua Gal. Glicério, 407 - apto. 602 - Laranjeiras - ZC 01 - Rio de Janeiro - RJ.

- O número 9 da revista de cultura Vozes é dedicado, à "Cultura Negra e à Semana Afro-Brasileira". Além de artigos que analisam o problema da cultura negra no Brasil, há entrevistas com Gilberto Gil e Mestre Didi, entre outros.

- Uva é uma publicação mimeografada do Rio de Janeiro, que contém poemas, contos e ilustrações de gente jovem.

- O Correo das Artes, em sua edição da primeira quinzena de dezembro, focaliza ensaio de Afonso Romano de Sant'Anna sobre a Poesia Contemporânea Brasileira, e um estudo de Antônio Hohlfeldt sobre a obra de Edla van Steen, além de um depoimento de Maura Lopes Cançado a João da Penha.

- Livros Novos: Uma Biblioteca Brasileira é uma publicação que se destina a indicar os novos lançamentos no mercado livreiro do Brasil. Nela estão livros sobre todos os assuntos. Para que seu livro conste dessa biblioteca mensal, basta enviar um exemplar para a Atlantis Livros Ltda. CP 3752, 01000 - São Paulo - SP.

Em defesa de João

Na Escrita nº 19, o prof. Milton José de Almeida analisa as posições teóricas e a obra literária de João Antônio. A título de contribuição ao debate das idéias por ele levantadas, pretendo aprofundar alguns pontos que, ao meu ver, não tiveram exploradas todas as implicações que acarretam. Como ponto de partida, extrai uma frase de João Antônio, citada pelo próprio Milton Almeida: "... (a literatura deve) ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo." No caso, em lugar de "ser" caberia melhor o termo "refletir" ou "reproduzir". A sociedade é estratificada, é dividida em classes que se distinguem umas das outras pelos papéis que ocupam nos processos de produção e distribuição de riquezas. Cada uma dessas classes tem interesses e objetivos próprios, o que não deixa de influenciar, direta ou indiretamente, a sua produção ideológica e (num âmbito mais restrito) a sua criação artística. A esse fato, sobrepõe-se outro, que o enriquece e acaba por torná-lo mais complexo: as classes coexistem no mesmo espaço social, agem e reagem umas sobre as outras, e suas ideologias freqüentemente são impregnadas de elementos oriundos desses contatos recíprocos. Dessa maneira, o que a sociedade de classes nos apresenta não é um conjunto de "fatias" superpostas e soltas, mas uma imensa variedade de grupos inter-relacionados que, de acordo com sua vivência específica, somam novas nuances sócio-culturais à sua função de classe - nuances que podem não ser levadas em conta numa análise ampla e generalizante, mas que para a abordagem literária constituem uma das matérias primas essenciais. A literatura, portanto, deveria ser o reflexo de uma sociedade composta de incontáveis grupos humanos, cada qual com sua vivência específica, e cada qual ocupando uma posição dentro do sistema classista. E deveria reproduzir (ao descrever o real através da visão desses grupos) a sua ideologia, a sua visão-do-mundo, a sua posição consciente, inconsciente ou intuitiva diante da realidade. Essa é uma proposta que recusa o cultivo de uma literatura onde circulam apenas os personagens situados nas camadas superiores da sociedade, literatura que muitas vezes desviou-se para o registro de uma fração do universo que procurava fechar-se sobre si mesma, fugindo à constatação e ao questionamento direto de uma realidade mais ampla. Tal literatura agora está partilhando seu terreno com outra tendência: a de ampliar o máximo possível o universo literário, tanto através de novas posições estéticas (reproduzindo a realidade vivida, e re-elaborada ao nível verbal, por todas as camadas sociais), como de novas táticas adotadas nos processos de edição, distribuição e venda de livros. Temos como estabelecido, portanto, que a sociedade é dividida e é complexa; e que a literatura aceita o desafio de reproduzir essa divisão e essa complexidade. Ora, de saída nós nos deparamos com um fato que não pode deixar de ser levado em conta: a enorme maioria dos escritores que têm acesso aos meios de produção cultural (ou seja: que vêem seus livros impressos, lançados, divulgados e postos à venda) são egressos de uma faixa mais ou menos definida nesse vasto e intrincado corpo social, que poderíamos denominar de "classe média" ou "pequena burguesia". O fato é evidente: não está brotando uma literatura que reflita a sociedade brasileira através da ideologia de todas as classes que a

CARTAS

compõem; está brotando uma literatura onde, majoritariamente, uma dessas classes resolveu adotar outros personagens que não ela própria. Constatar este fato não significa reduzir a validade de tal literatura. É sem dúvida positivo que inúmeros escritores sejam sensíveis aos sintomas mais que evidentes de uma crise social. Nas entrevistas e depoimentos de quase todos, nota-se a sua preocupação com o "cotidiano", com as "pessoas suburbanas", com as "camadas populares". Esses escritores percebem, uns com maior, outros com menor nitidez, que ao seu redor estão se acumulando tensões sociais de tal ordem que mais cedo ou mais tarde elas resultarão em qualquer coisa ainda sem nome e sem rosto - mas que eles estão dispostos a pagar-para-ver. E pressentem que esse represamento de forças encontra fendas de escape ao longo de um cotidiano que não é o deles, mas que eles assumem e encampam pelo menos ao nível ficcional - numa atitude onde julgo perceber, entre muitos outros componentes, uma tentativa de solidariedade que reputo sincera. Mas essa proposta tem suas limitações. Definir seus limites é indispensável a quem quiser explorar os terrenos que ela efetivamente conquistou. Milton José de Almeida, questionando as afirmações de João Antônio, argumenta que "... o infeliz escritor que quisesse abranger a totalidade da realidade brasileira deveria saltar de jogador de futebol para policial, para flagelado, depois para prostituta, e assim por diante". Essa redução-ao-absurdo é consequência da afirmativa entusiasmada de João Antônio, preconizando "... o escritor experimentalmente gangster, bandido". Vê-se com nitidez que João Antônio reconhece a necessidade de uma vivência concreta, para não se cair no esquematismo de uma visão-do-mundo idealizada. E Milton Almeida percebe a impraticabilidade de um tal processo, pelo menos em larga escala. Essas visões divergentes encarnam facetas opostas de um mesmo problema: o fato de que nessa literatura a pequena-burguesia é sujeito, e as classes populares são objeto. Uma se incumbem de retratar as vivências das outras; procura partilhar dessas vivências e ao mesmo tempo reconhece o caráter específico das mesmas. Verifica-se, assim, que o nosso escritor (em geral) assume uma posição heróica, mas difícil: a de ser o porta-voz dos que não falam; a do indivíduo que concentra em suas mãos a responsabilidade de recriar literariamente um universo diferente (por uma questão de ângulo) do seu. Outra seria a situação se existisse entre nós uma literatura que fosse popular pela "origem" e não apenas pela "temática". Retomando a rica galeria de tipos citados pelos autores em questão, poderíamos ter um mundo literariamente reproduzido através dos "jogadores de futebol", dos "policiais", das "prostitutas", dos "operários", dos "migrantes", dos "bandidos", dos "sinqueiros", dos "vagabundos", etc.; através de textos escritos por esses e outros indivíduos cujos nomes só aparecem no interior dos livros, e nunca nas capas. Note-se que não proponho o isolamento literário, "cada-qual-por-si" entre a pequena-burguesia e as classes populares: isso seria negar a inter-penetração ideológica referida nos

parágrafos iniciais, e os benefícios que ela acarreta. Coloco apenas a necessidade de que essas classes populares possam desenvolver um corpo literário próprio que veicule sua própria visão-do-mundo, para, pelo menos, estabelecer um confronto, um diálogo ou uma contradição com essa literatura já existente. Alguém objetará: é uma proposta utópica. A essa objeção, continua válida a resposta de Brecht: "Então indaguemos por que é utópica". Em termos concretos: a alguém interessa que a realidade vivida pelas classes populares não seja recriada por elas, e sim por indivíduos com outra origem social, realizando experiências onde, segundo Milton Almeida, "... teremos sempre as formas linguísticas respectivas de cada personagem, mas dificilmente as suas consciências, pois esta será sempre a do escritor". Não tenho ilusões populistas sobre nenhuma "pureza" ou "genialidade" que sejam intrínsecas a toda e qualquer obra oriunda do chamado "povo". O que penso é que o ato de criar textos literários (mesmos os mais toscos, os mais primitivos) envolve uma reflexão sobre a realidade; e a alguém interessa que essa criação e essa reflexão só continuem a se verificar em determinados compartimentos sociais já catalogados e aparentemente sob controle. Recriar o real é também recriar-se; e um bom exemplo disso é o processo descrito por Graciliano em "São Bernardo", onde Paulo Honório adquire, ao reproduzir literariamente a sua vida, a compreensão exata (embora tardia) do que era e do que o levava a ser assim. Esse processo me parece algo tão fundamental que muitas vezes noto com estranheza, ao lado da veemência dos autores que pretendem atingir o grande público com seus livros, a quase inexistência de propostas mais amplas, onde o "povo" não seja visto apenas como personagem - ou eventual comprador. Ao se falar em "literatura reproduzindo a realidade brasileira" deve-se assumir todas as implicações aí contidas, entre as quais a necessidade de começar a trabalhar contra a "centralização classista da criação literária". Sem a plena consciência disso, parece-me que sempre haverá distorções no encaminhamento de qualquer proposta de uma "literatura popular" (Bráulio Tavares - Salvador, BA).

REGISTRO

CONCURSO MENSAL

Candidatos

Alvaro Cañada, Apostofrãdo Silva, A.S., Bêco, D.M., Flávio Palmares, Glael, Iamar Vescha, João Sebastião Bach, Leandro Mourão, Merlin, Renato Toscano Z'.

MOVIMENTO UM JORNAL DEMOCRÁTICO

Com a edição semanal
brasileira do *Le Monde*

**POR QUE
FIGUEREDO?**



**SEMANALMENTE
NAS BANCAS**

PAZ - Publicações e Assistência Técnica Ltda - Fone: 833.7461

